

AGOSTINHO BOTH



# Memórias de Eliana



Projeto  
Passo Fundo  
Apoio à cultura

## A esfinge de si mesma

Longe de mim ser a esfinge de todas as respostas. Falo assim por ter aprendido muito sobre esta figura egípcia. O professor Rogério mostrou-se esperto. Falou bem ao explicar o mito da sabedoria. Amei a história. Se não conseguimos decifrar os nossos enigmas, então, ela nos devora. É verdade: estou mal se não conseguir decifrar o desconhecido. Devo avaliar com cuidado o meu enigma, assim penso. Ele é exigente. Ali, na dura sorte das possibilidades, vou tecendo as vestes de mim mesma. Aqui elas me deixam nua. Não vou ficar desalinhada. As ideias daqui não me instigam, não inspiram mais meus desejos. Que tenha um pouco de luz.

Mal pensei sobre luz, quando sinais me vieram com mensagens. Vou extrair os conteúdos que me faltam. Não quero viver de vazios. Meu padre amigo, o Ataulfo, me falou para meu pai: deixa ela se ir! Ele percebeu a minha vontade a partir de dois acontecimentos.

A capela cheia de devotos com esperanças de melhorias. Velhos, tão caídos, carregavam histórias nos ombros. Será que adianta rezar? Eu, pretenciosa, palpitava. O coral cantava: *Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, miserere nobis*. E eu, meio tonta, diante da grandeza de tudo, rezava a um Deus como se Ele fosse a alma do mundo: *miserere mei, Deus, secundam misericordiam tuam*. Perguntei ao professor Rogério sobre o significado. De pronto respondeu: *cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, tenha piedade de nós, de acordo com tua grande misericórdia*. Agora, sabendo, me encolhia em mim: como um cordeiro poderá salvar esta convulsão humana em mim e no mundo?



Memórias  
de Eliana





AGOSTINHO BOTH



Memórias  
de Eliana



Passo Fundo  
Projeto Passo Fundo  
2018

Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

e-mail para contato: [projetopassofundo@gmail.com](mailto:projetopassofundo@gmail.com)

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

**[Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 4,0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR)**;

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR)

ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Revisado pelo autor em: 08/12/2017

B749m Both, Agostinho

Memórias de Eliana [recurso eletrônico] / Agostinho Both.  
– Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2018.

4,5 Mb ; PDF.

ISBN 978-85-8326-324-1

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira.
2. Narrativas pessoais.
3. Biografia. I. Título.

CDU: 869.0(81)-94

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

# SUMÁRIO



A VIDA NÃO ESQUECE .....	7
DOIS EVENTOS: DIVINO E PESCADOR .....	11
OS DADOS FORAM LANÇADOS .....	17
O PECADO DENTRO DE CASA .....	27
NA MAIOR INTERLOCUÇÃO .....	31
CONFISSÕES DA TIA NOÉLIA .....	39
DAR FORMA AO DESCONHECIDO .....	43
UM RAPAZ DAS ARTES .....	47
PECADO MORTAL .....	49
ENTRE A MORTE E A VIDA .....	53
A MORTE ESCONDIDA:	
DA MOIRA NINGUÉM ESCAPA .....	57
QUEM TIRA O PECADO DO HOSPITAL? .....	61
UMA CONVERSA PARTICULAR .....	65
E A MINHA CASA? .....	67
PECADOS NO HOSPITAL .....	71
DO ESTUPOR .....	73
PARA DESCANSAR .....	77
MUDANÇA DE HÁBITOS .....	81
PARA INTRODUIZIR: OS DESPÓTICOS PECADOS .....	83
VISITA DA VELHA SHAUANA .....	87

PASSO FUNDO, LUGAR DOS MORTOS .....	91
UMA CIDADE DIVIDIDA.....	97
UM DIÁLOGO MAIOR .....	103
O CONCILIADOR PRUDENTE DE MORAES .....	107
MIRELE E EU COM JÚLIO PRATES DE CASTILHOS ..	109
UM PECADO FEDERAL .....	111
A NOITE DE PORONGOS.....	113
PARA FINALIZAR.....	117
A LENDA DO GRANDE PEIXE .....	119

# A VIDA NÃO ESQUECE



Estou nos meus setenta. Da infância, o sorriso brando e a ingenuidade à flor da pele, pouco tenho a dizer. Raquítica por natureza, corria pelas roças de meu pai. Amava a água dos riachos. Felizes foram os dias do açude a encher-se de água. Meu pai a recolhia do arroio para o oxigênio dos peixes. Não sei de onde apareceram alguns dourados. Ele dizia, foi uma garça do rio Uruguai. Aqui ela despejou os ovos. Somente sobrou um que resistiu ao pesadelo anual. O açude sem água. O danado resistia à morte.

De um dia para o outro, senti que em mim se fazia uma mulher. Chorei no primeiro sangue perdido. Bem, explicou minha mãe: se foi minha pequena. Me via, também, diferente das outras meninas, mais meditativa. Lá vem a Eliana com as perguntas, se queixavam elas.

Deus distribui talentos diferentes. De um professor meio tosco, algum aluno tira o saber conspícuo e outro, pobrezinho, mal decora algumas palavras à esmo. Sempre privei com livros. Tive a sorte de ler quase tudo da biblioteca de padre Ataulfo. Dizia ele haver em mim uma filósofa. Promessa de grande mulher. Não era bem o que pensava de mim.

Segunda feira. Por entender a minha vida como promessa, levantei decidida a não perder um minuto. Acudiam ideias de infinitos em cada objeto ou fato, por menores que fossem, entretanto os maiores infinitos não moravam no interior. O professor Rogério e o padre Ataulfo falam: não existe mais interior, frequentamos o mundo a hora que queremos. Deus te deu uma inteligência rara, me convencia o padre sobre a responsabilidade. Não me orgulho desta vantagem. O sofrimento invade mais aos que mais sabem. Se fosse pra descobrir as sutilezas do mundo, tudo bem. Me invadem mais as brutalidades cometidas, dadas

a cada momento. Isso é elementar na humanidade, é só ler um pouco da história dos últimos anos. Talvez, um dia, ficaremos mais enternecidos ao lembrar Nagasaki. De todos os lados vem a banalidade e a frivolidade dos males, mesclados até em instituições de impor respeito. Meu pai, meio desbocado, diz: fizeram merda em nossa pátria. Aqui se mata por interesse próprio. Os políticos, em vez de serem pais da pátria, vivem como criminosos bem sucedidos. Enchem os bolsos e os desbocados ainda debocham. Autorizam, em favor próprio, roubos vergonhosos.

Professor Rogério me alertava: Eli, não é preciso ir longe para ver sofrimento. Na próxima semana vamos estudar dois momentos terríveis dos gaúchos. Em Nagasaki os inimigos eram mortos. Aqui, os irmãos se matavam. Isso acontece quando surgem pensamentos onipotentes. Meu professor de história explica haver ideias maniqueístas. Isso é verdade. Até a igreja matava por achar que só ela era boa e verdadeira. Na Rússia, e na China nem se fala. A onipotência e o ressentimento acabam com qualquer um. Você vai ver o que aprontaram o Júlio de Castilhos e o Borges de Medeiros.

Caprichava então para ver se conseguiria dominar a fera que, às vezes, sentia bruta em mim. Falava pra minha mãe:

— O que fazer pra não me perder pelo caminho se aqui não for meu lugar?

— Em tudo pode haver a graça, repetia ela a me cansar. Não carece de ir longe pra agradar a Deus, Eliana. Não importa o lugar. Deus ama também as aldeias.

— Não nasci pra ficar enterrada aqui na roça.

— Está bem, filha. Aqui é um lugar simples, mas você sempre vai carregar o que colheu. Vai caminhar pra sempre pelo chão de teu lugar.

— Obrigada! A decisão de buscar mais não brotou por influência de quem quer que fosse. Não nego o valor de nossa casa, muito menos do pai, da senhora e de minha irmã, a Tudinha. Não vou interromper meu propósito por razões daqui. Se a senhora diz do Antônio me querer tanto, não é ele que vai me tirar o querer de ir mais longe. Que ele fique aqui carpindo, eu me vou sorrindo. Quero o bem pro piá, mas meu Deus mora mais longe.

— Tu não se contenta com a vida desta casa, filha. Diga então pra onde quer ir?

— Pra começar, vou a Passo Fundo.

— Com que dinheiro?

— Vou pedir pro tio Luciano uns tempos de albergue.

— A gente sente desde já tua falta.

— Eu também, mãe. A senhora não vai querer uma filha triste em casa. Vou pedir se posso ficar uns dias na casa da tia Noélia.

— Te confesso uma coisa: não confio no casamento dela. O Luciano tem um jeito de olhar a Shauana que não me agrada. Enteada é mais que filha.

— Obrigada, mamãe. Vou me cuidar.

Me recolhi ao meu pequeno aposento, um quarto onde em desertos, matas, lagos e mares me via diferente. Meu pai comentava comigo sobre meus sonhos.

— Nada é certo, filha. As nossas mãos são pequenas.

— Quero mais, meu pai. Não quero mesmice, quero sentir rumor de asas.

— Que voe então, filha. Pra onde for, não esqueça de tua casa. Por mais que andar, tenha saudade de nós. E se, acaso, encontrar outra melhor, me convide, quero ver. Que eu possa dizer muito contente: minha filha tem razão. Se os pais erguem uma casa agradável, mais contentes vão andar ao ver uma filha ter outra melhor. Agora vou tratar os porcos, as vacas e ver os pastos. Minha sorte é animal e vegetal.

— Quero mais, papai. Sou pequena, minhas palavras me levam longe. Se chegar à felicidade que aqui tive, já estarei contente.



# DOIS EVENTOS: DIVINO E PESCADOR



Longe de mim ser a esfinge de todas as respostas. Falo assim por ter aprendido muito sobre esta figura egípcia. O professor Rogério mostrou-se esperto. Falou bem ao explicar o mito da sabedoria. Amei a história. Se não conseguimos decifrar os nossos enigmas, então, ela nos devora. É verdade: estou mal se não conseguir decifrar o desconhecido. Devo avaliar com cuidado o meu enigma, assim penso. Ele é exigente. Ali, na dura sorte das possibilidades, vou tecendo as vestes de mim mesma. Aqui elas me deixam nua. Não vou ficar desalinhada. As ideias daqui não me instigam, não inspiram mais meus desejos. Que tenha um pouco de luz.

Mal pensei sobre luz, quando sinais me vieram com mensagens. Vou extrair os conteúdos que me faltam. Não quero viver de vazios. Meu padre amigo, o Ataulfo, me falou para meu pai: deixa ela se ir! Ele percebeu a minha vontade a partir de dois acontecimentos.

A capela cheia de devotos com esperanças de melhorias. Velhos tão caídos, carregavam histórias nos ombros. Será que adianta rezar? Eu, pretensiosa, palpitava. Mal começara minha história por conta própria. O coral cantava: *Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, miserere nobis.* E eu, meio tonta, diante da grandeza de tudo, rezava a um Deus como se fosse a alma do mundo: *miserere mei, Deus, secundam magnam misericordiam tuam.* Da última vez que ouvira este canto perguntei ao professor Rogério sobre o significado deste latim. Ele com acentuado orgulho: cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, tenha piedade de nós, de acordo com tua grande misericórdia. Agora, sabendo, me encolhia em mim. Me perguntava: como um cordeiro poderá salvar esta convulsão humana em mim e, pior, no mundo? Não me encorajava de protestar. Rogério aproveitava para inserir seus pitacos: Ele morreu por

interesses sociais e políticos de uma época. Acreditava, de coração, na bondade de um homem, peregrino de aldeias. Por ver o que fizeram dele, mais solitária me achava. Me sentia filha de Deus, avassalador na imensidão de tudo. Me comovia a beleza íntima do canto triste. É exigir demais de um cordeiro judeu a salvação dos recorrentes pecados do mundo. O som humilde condizia com as figuras dos colonos.

Padre Ataulfo, o único da paróquia, ouvida minha confissão, não se afligia por me ver tão distante da fé tradicional. Envelheceu perdoadando. Apenas não compreendia as ofensas, a violência, a hipocrisia, e outros pecados sem caridade. Foi ele a me confessar: sabe, nem mesmo acredito que ele consiga salvar tanto mal. Deixou palavras magníficas. Quem é que atende os apelos dele? A salvação pode vir da boca divina, não do sangue. Aquilo, sim, foi covardia. Quem perdoava o padre era eu.

Comunguei como todos. Naquela massa sem sabor, sim, recebi o Cristo, filho de Deus metido em minha fé. Terminada a missa, falei com as colegas de Santa Rosa, só pra ver a felicidade de estarmos juntas, reunidas na fé, com nossas cabeças carentes. Depois nos recolhemos em nossas casas. Me fechei no quarto, depois de ouvir de mamãe: foi bom te ver na comunhão. Expus o que me oprimia, minha duvidosa fé. Basta de minhas incursões sonhadoras.

Meu sangue foi perdido pela primeira vez, fazia bem dois anos. Eu, uma mulher em condições de ser mãe. Ficava amuada por isso também. Minha mãe foi explicando todo o processo da menstruação, achando-me quase adulta. A dona Cassilda se condoia por me explicar o quanto esse incômodo me acompanharia até ficar quase velha. Também derramava o meu sangue pra cumprir minha natureza. Cristo derramou o sangue tentando ensinar novos costumes. Miserere, pra ele e pra mim. Vantagem minha, poderia salvar alguém da inexistência, ele, perdeu o viver. Nele não mais se faria a miragem da carne, em mim iniciava. Pra ele estertores do tempo, em mim os primeiros tremores. Lastimável o que fizeram das palavras e da morte deste homem cheio de graça.

Deus guarde tua alma, filha, me animava meu pai. Respondi: nem tão bem guardada, papai, as verdades são tênues, passageiras e de palavras, pouco mais que o vento. Basta um sopro mais forte que tudo se dissipa. Aí ele se recolhia aos seus bois, dando graças a Deus por haver misericórdia em mim. Apesar de tudo, carrego a vida com delicadeza. Sei da propriedade dos outros, daí meu respeito. Não

suporto os pretensiosos. Não suportei os deputados, metade padre, olhando o próprio umbigo, saudando as amantes e os filhos enquanto o país falecia. Ainda assim, aprendi a rir desse cotidiano. Vou dividir o meu pensar com gente mais letrada.

Almoçamos, domingo, sem feijão. Que tradição! Seria ofensa ter a mesa manchada por alimento tão trivial, coisa de segunda. O dia do Senhor merecia coisa melhor!

Depois do descanso, o Fabiano, o senhor de minha casa, pediu se eu não queria pescar. Aceitei, mesmo porque sempre achei modorrentos os domingos. Fomos. Num terreno de muitas fontes foi construída uma lagoa. Coisa dos deuses, mais parecendo um retrato dos céus, no qual se divisavam nuvens pesadas e leves. Dois hectares de águas fundas. Não sei de onde papai retirou tanto conhecimento de volumes e de outras propriedades das águas para peixes. Caminhava um tanto confusa pensando sobre o que dissera ao padre. Se ele acreditasse em mim, como ficariam os sermões? Se Jesus não era Deus, então foi ressuscitado. Se as fontes posteriores dos discípulos envelhecidos contivessem a contaminação do pensamento mágico de grandezas imaginadas? O filho de Maria fosse apenas um homem enterrado, consumido por bactérias frias como as dos outros falecidos, transformado em partículas elementares? Assim flutuava, quando meu pai me despertava das divagações.

— Filha, aqui estão as minhocas.

Será que elas roçaram, frias, o corpo do Senhor? Punha fé nas palavras proferidas para um novo tempo. Morto o filho do homem, viva a alma divina em mim. A violência do mundo por um cordeiro sacrificado. Mas quando a inocência prevalecerá?

— Filha, está surda?

— Desculpe, pai.

— Vamos caprichar. O dourado que se esconde no barro, faz dez anos, poderá aparecer.

— Duvido. Quantas noites já passamos. Até madrugadas perseguimos o monstro, como o senhor chama.

— Quem vai saber da hora? Pode ser nesse domingo. A gente nunca sabe. Preparei, Eli, diferentes iscas. Desde fígado de frango até minhoca e lambari. Sete anzóis na água podem ajudar mais.

— Vamos lá!

O silêncio sobre o lago enobrecia a tarde. Fiquei responsável pelos anzóis, enquanto papai jogava o alimento de carpas em pontos diferentes da barranca.

Era dia 15 de julho, mais mortes covardes na França. Que noite para celebrar a fraternidade! Me perguntei, que engenho farei de mim? Se me olhar com razoável medida não poderei dar grande contribuição na história. Qual o esforço a ser realizado pra que tenha grande efeito? Ele sonhador de bondade, o que conseguiu para seu povo? A Igreja erigida, virou o que? É verdade, bem diz o professor de história: por estas bandas do sul do Brasil, houve doação de vidas de homens e mulheres religiosos trazendo desenvolvimento de toda ordem.

Ôpa, buliram no meu anzol. Gritei por papai. Ele estava do outro extremo do lago. Gritei mais alto. De repente, senti um soco em minha mão direita. Firmei meu pulso. Mais gritei: Covarde! Prevalecido! Só por que sou uma garota, pensa em me assustar. Passei do medo à raiva. Dei corda pra saber da reação. Me aproximei da água. Minha mão firmava a linha. Desgraçado, vou mostrar com quem está lidando. Ainda gritei, papai! A água estava pelo peito. Minha mão queimava. Minha boca se enchia de água. Vou morrer. Cadê papai? Sobrou um pensamento. Por não me ver mais, há de correr em meu socorro. Terei três minutos antes de morrer. Acho que ia pedir pra Deus, quando o peixe assassino, aliviou meu braço. Dei um passo para trás. Que alívio! Consegui deixar minha boca livre.

— Larga do anzol, Eli, deixa este monstro, pelo amor de Cristo.

Senti o vigor dos braços dele. Água pelo peito. Continuava com a linha na mão.

— Quase você morre, querida!

— Onde está o peixe?

Mal concluía a palavra, eis que, de um salto, o monstro salta. Meu pai em desespero toma a linha de minha mão, encurtando-a. O peixe começou a facilitar, vindo em nossa direção. Vinha bravio no movimento revoltado da água.

— Cuidado, papai. Ele vai me matar.

— Vai nada!

Nadei em direção à margem. Senti pavor. Olhei para meu pai, trazia o peixe em linha curta. Vi o salto grande do animal sobre papai.

Gritei. Vi a luta final para dominar o bruto. Comecei a chorar. O peito de papai sangrava. Depois segurou o animal. Uma cena de comover. Estreitava o monstro nos braços. Firmava o corpo do peixe, já sem forças, caminhando trôpego. Jogou o dourado no córrego ao lado. Ele abria e fechava a boca querendo falar. Por Deus, os olhos se voltaram para mim. Depois silêncio.

Nos abraçamos.

— Vencemos o monstro, filha!

— É verdade, ele está morrendo.

Deviam ser quatro da tarde quando carregamos o morto sobre o carrinho de mão. Tive medo de o animal ressuscitar. Ninguém conseguiria afastar o prazer a nos perpassar. Assim, chegamos em casa.

Minha mãe ao vê-lo se entristeceu.

— Pobre animal, que covardia matar o peixe, tão bonito. Estaria mais lindo na água que no forno.

— Assim até parece triste, consegui corresponder.

— Nem te digo que ele quase matou nossa filha.

— Parece tão inocente deitado no carrinho. Agora vão trocar de roupa.

— A senhora nem perguntou, por que estamos molhados.

— Vocês dois tem mania de voltar com roupas molhadas.

— Mas mãe, quase morri de tanto lutar. Veja o peito do pai.

— Meu Deus! Quase comeu teu coração, homem. Desculpem, a coisa foi séria.

— Muito mais que apenas uma luta com um peixe, instei misteriosa. Afinal, flexionei meu pensamento: por tantos anos se fez barro, por tantos anos. Resistiu a todas as tentações de anzóis. Fugiu a todas as redes. Agora se dava maior para sustentar uma família.

Repartimos o peixe entre os vizinhos.

Assim se cumpriram os dois acontecimentos deste dia: o do cordeiro e do peixe.

Passou-se um mês. Disse, então, firme ao meu pai: Já me inscrevi no vestibular da UPF. Vamos amanhã, papai.

Ele olhou-se triste, parecendo perder a filha.



# OS DADOS FORAM LANÇADOS



Papai me trouxe a Passo Fundo. Chegamos, domingo, ao meio da tarde. Recebi abraços efusivos. Senti somente em Luciano um ar inconveniente. Minha prima Shauana me recebeu de sorrisos, feliz, parecendo andar longe de qualquer crise.

Nada, trazia-lhe preocupação. As mortes assumidas pelo Estado Islâmico nada provocavam. Tampouco os malditos ladrões de nosso Estado deixavam nela qualquer tensão. Se falasse dos corpos espalhados em Nice, ela encolheria os ombros.

Pouco antes de papai se despedir, Shauana descobriu uma lágrima.

— Saudades de casa. Sabe que até o velho Edmundo me deixa triste. Ele, colono cheio de dores dos pés à cabeça, fazia curativos com mamãe. Conversava de bananas, butiás e repolhos como se daí proviesse a salvação do mundo. Até ele me dizia respeito.

— Você não é certa da cabeça. Que coisa será, um velho fazer chorar?

— Sou desse jeito, Shauana. Você vai me aguentar por algumas semanas.

— Você parece de outro planeta.

— Então, minha divina pescadora, falou papai, vindo em minha direção. Se sair agora, chego em casa antes do sol se pôr.

A mão de meu pai tremia. O brilho dos olhos pedia misericórdia. Dormi de alma sufocada, mesmo com a atenção de tia Noélia, irmã de minha mãe. Dá nisso querer ir além de onde se nasce. Despertei de uma noite estranha, mas agradecida por ter meu quarto.

Shauana é que era uma menina do tempo veloz. Não suportaria ouvi-la o tempo todo. Não completara o ensino médio. Andando pela casa, ainda de manhã, tive o peito de perguntar sobre suas leituras. Leituras de que? Perguntou, quase assustada. Mostrou-me o celular.

As amigas ainda na segunda se reuniram. Um bando de caturritas, felizes em seus vestidos de grife. Ela despertou em mim uma curiosidade. De onde lhe vinha o poder de encantar? Parecendo desligada, auferia atenção das amigas com extrema facilidade. Olhei-a nos olhos. Me assustei. Guardava abatimento. Me perguntei, então, qual a razão de toda expansão? Eu me sentindo uma vaca numa cozinha, carregava um peso quase eterno e ela um calor do meio dia. Entretanto, os olhos dela estavam para desamparo, enquanto a boca externava movimentos de euforia. Aqui ou em minha casa não me encaixava. Tudinha aceitava meu jeito quase estranho. Aceita porque me vê desse jeito desde o nascimento. Um dia ouvi de Tudinha: Por que Eliana é assim? Eu sempre me via indo ao fundo, enquanto as gurias viviam contentes com o mundo desenhado na maior simplicidade.

No primeiro fim de semana, Shauana teve a bondade de me convidar pra sair sábado à noite. Me preparava para o vestibular. Ela queria me tirar da reclusão. Saímos para um lugar de festa. Muita piazada. Beijos na boca na maior facilidade. Não era caso para mim. Um dos gurus me viu no mal estar. Pela Shau soube que eu era do mato. Veio se encostando, me perguntando acanhado

— A tua prima me contou do teu lugar. E eu, sabe de onde vim?

— Não faço a menor ideia.

— Meu pai tem umas terrinhas aí em Coxilha. É uma chichola de lugar, mas não tenho outro.

— Eu da minha colônia, Linha Divisa, interior de Santo Cristo. Sou quase uma estrangeira.

— Sei onde é. Tenho um colega de Universidade daqueles lados. Conta cada uma dos caboclos da beira do rio Uruguai. É de Alecrim. É o teu nome?

— Eliana. Não sou bem da costa. Mas também não faria diferença.

Pensei rindo: colona com colono facilmente se agregam.

— O que quer dizer?

— Ser da costa ou distante do rio, sempre é difícil sobreviver.

— Pois é. Vejo por meu pai, dia e noite, olhando pro céu. Um dia tem medo da muita chuva, outro da falta, um dia do vento, outro das pedras. Vai se defendendo desse jeito. Papo cacete o meu, desculpe, não disse meu nome: Amarildo. Pra encurtar me chamam de Amaro.

— Legal. Nome forte. Tem profundidade.

— Gosto de teu papo cabeça. Matuto sou eu, Eliana. Mas, me diga o que está fazendo em Passo Fundo?

— Terminei o vestibular pra enfermagem.

— Enfermagem?

— Está fazendo de menos de meu curso, dr. Amarildo?

— Desculpe.

— Vou fazer muito por ele.

— Vamos sair um pouco. Este barulho está demais.

Ao sairmos, Shau veio se aproximando.

— O que tá rolando, Eli?

— Um papo de colonos. Não te preocupe. Vou continuar virgem, sussurrei.

Ela riu, sentindo meu humor. O riso guardava agitação.

— Daqui a pouco, vamos para casa, Eli? Pode ser?

— Que assim seja!

A conversa com o colono de Coxilha durou pouco. Amei o jeito dele. Se mostrava, porém, dividido entre a roça e a cidade. Lembrei padre Ataulfo, *misere nobis*. É isso que me chateia, de ver o que outros não veem. Bem que eu poderia andar na superfície. Deus fez de mim uma mulher complicada. Só ainda não via fantasmas. Despedi-me do quase menino Amarildo, Amaro.

— Vou para casa, desculpei-me. Obrigado pela companhia. Pela amizade. Espero te encontrar

— Foi bom te conhecer, correspondeu.

Fomos para casa de taxi. As noitadas estão cheias de policiais. Como em tudo por aqui, a pi lazada avisa onde está a barreira de controle. É minha pátria. Minha opinião: coam mosquitos, engolem

camelos. Shau explicou sobre quantos piás perderam a vida e de outros, aleijados. Então deixei pra lá. Quem sou pra avaliar o que é melhor para esta cidade? A minha preocupação não residia em Amarildo. Os olhos de Shau, ao se dirigirem para mim, eram estranhos. A preocupação dela não condizia com seu jeito aberto. Os olhos perturbados me diziam segredos. Havia agitação. Ela concluía o ensino médio. Inteligente, mas repetira duas vezes o oitavo ano do ensino fundamental. Não me passava pela cabeça a razão dessa dissonância.

Chegamos em casa.

— Será que meu padrasto está em casa?

— Quem deve saber dele é você, Shauana.

Mais uma vez notei um olhar perguntador.

Como esquecer aquela noite?

Fomos descansar. Segunda faço minha matrícula, me desculpei. Não sou gênio: mas muitas vagas e poucos candidatos, não importa. A enfermagem me atrai muito. Desde pequena punha flores e folhas de laranjeiras, tratando pequenos ferimentos de Tudinha. Me inclino ainda ao cuidado de toda ordem. Estava tensa. Uma semana e tanto. Desde o grande peixe até o fim da primeira semana em casa do tio Luciano. Cogitava, tensa. A figura atlética me passava sentimentos estranhos. Separado da primeira mulher, juntou-se com tia Noélia, viúva a irmã de minha mãe. Agora ela carregava um clamor triste na voz. Ele um homem lindo, atraente. Nos 55 anos revelava-se um Dom Juan da hora. Esteve uma vez em minha casa. Dirigia olhares de cobiça na direção de qualquer mulher. Minha mãe não aprovou a união. Tudinha achou ele muito querido. Tenho certeza de uma coisa: minha irmã, inocente, não sabia com quem lidava. Havia uma certeza estranha em mim: o tio não é de confiança. Saiu de mão dada com a pequena pra colher algumas ameixas brancas. Não descansei enquanto não voltaram. Conheci a primeira mulher dele, amiga de Noélia. Ela perdeu o tio Francisco em acidente de carro. Juntaram interesses depois de um ano da viuvez. Só meu pai para não perceber o outro lado daquele homem. Mamãe ao se despedir falou claro: te cuide, filha. Por mais tarde que fosse, com estas notícias vigilantes, meus olhos arregalavam.

Em que casa estou? Bem que minha mãe dizia: minha filha é bichinho sempre de orelha em pé. Assim aconteceu. Era madrugada. O quarto de Shau estava defronte ao meu. Ouvi passos pesados. Tremi.

Me pareceu se abrir a porta do quarto dela. É Noélia, ver a filha... avalei. Fazia um frio leve. Nem mais um ruído. Espiei pela fresta da minha porta. A porta em frente, fechada. Fechei a minha. Esperei vinte minutos. Agucei mais meu ouvido. Um murmúrio leve e a porta dela, fechada com cuidado. Seria imaginação minha. Não era... me conhecia... aí tem. A mãe dela não podia ser. Acompanhei os primeiros passos de ouvido colado na porta... cuidadosos, mas não leves. Tremia. Me pus a chorar ao pensar maldades. Não consegui dormir antes de o sol nascer. Dormi até às dez horas.

Bendita a luz afastando meus desassossegos. Não pode ser... a noite me deixou em assombros. Só pode. Me arrumei. Afinal mal conversara com minha tia. Fui até a cozinha. Ninguém. Fui ao pátio... Uma árvore se erguia louca por alturas. Um pássaro solitário trinava. As nuvens vindas da Argentina já anunciavam o frio cortante. Nada disso me atraía tanto quanto me atraíam os pássaros. Tremia com meus botões. A friagem ainda carrega à noite. Sentei num banco de madeira. O Rothweiler me olhava. Chamei pelo nome. Calígula.... dormiu bem? Não correspondeu. Puta merda, onde estou enfiada? Tomei de uma revista... os mortos de Nice na capa. Tudo conspira contra mim. Folhava, sem concentração, para encontrar a notícia. Outros estertores me enlouqueciam. Não é possível... Olhei mais uma vez pro animal negro me espreitando.

— Então, Lígula, bom dia pra ti.

— .....

Bem que gostaria de te ouvir.

— Oi guria!

Dei um salto. Era o tio.

— Agora dei pra assustar?

— Nada tio, é que sou ciscada.

— Muito desperta e esperta.

— Deus me fez assim, tio.

— Sempre de olho em tudo. Olha como é negro este animal. De uma beleza e força. Pobre do gato Sinval, aí do vizinho. Nem miou. Vamos tomar café que ainda é cedo.

— Já vou... e quase me saiu: vi teu vulto com teu poder absurdo de encantar. Um crime no próprio lar. Nenhuma lua passará sem mostrar

teu rosto enganador. Sou a pescadora, redentora por mais impotente que seja o meu poder.

Chorei, escondendo a lágrima. Minha tia chegava na varanda.

— Pensei que a festa deixaria você na cama, querida.

— Pois é tia Noélia, não sou muito de dormir.

— O Luciano tem um tranquilizante que é tiro e queda. Durmo que só uma santa. O café está na mesa, querida.

— Obrigada. Já vou, tia.

Mais fiquei em desespero oculto. Pedras frias rolavam em mim. O azul da manhã nada me dizia, além de um fundo horizonte. Gritei feito meu jeito quando a alma não suporta o espinho. Calígula entrou na casinha. Vieram em meu socorro o tio e a tia. Uma convulsão de dores perpassava meu corpo. Chorava demais.

— O que foi, menina?

— Quase rebentei meu pé contra o pé do banco. Desculpe, estou envergonhada.

Por não reter minha angústia, pedi para ir até o quarto.

— Vou descansar mais um pouco. Preciso ficar só. Nunca senti saudades de casa. Deixem que chore sozinha. Mais uma vez, perdão.

— Deixa ver teu pé.

— Não precisa, tia. Este pé é enjoado. Reclama por qualquer coisa.

Forcei meu passo. Saí andando. Deixei pasmos, os dois.

A cama foi minha salvação por suportar meu corpo. Descobri a importância dos objetos para salvação da alma. Bem mais que os dois, a cama tépida me consolava. Cordeiro de Deus que tiras o pecado do mundo, tira de mim o que me destrói. Urgia encontrar uma saída para me aliviar. A ignomínia estava aí, monstruosa. Se a cama aliviava o corpo, não fazia o mesmo com a alma. Levantei-me de um pulo, tendo uma decisão. Não ficaria desse jeito: uma mortalha a envolver meu peito. Propositei: não farei de mim a vítima deste pecado.

Chegava nesta cidade pra valer. Não morreria na primeira casa. Saberei inteira essa verdade. Mostrarei minha face corajosa.

Alguém batia à porta.

— Sim, atendi resoluta.

— Escuta quase quebrou o pé do banco da varanda, prima.

— Foi o meu que doeu.

— Pois que seja. Vou ver o pesinho da priminha.

— Esquece. Já desço.

Vou dar uma de Brizola. Vou comer o mal pelas bordas. Que bom seria se me protegesse o olhar confiante de minha mãe. Perfeito seria a palavra certa de papai. Nada poderia ajudar mais que o cuidado de casa. Dizem haver um deus grego, responsável pelas pessoas enquanto estiverem vivas. Cadê ele. Pensei no meu professor de filosofia: Sócrates afirmava ouvir deus dentro de si. Confiava no pensar. Ele repetia: a melhor sabedoria se dá por conversas bem delineadas. Não vou apavorar meus pais. Fico com o cuidado. Fazer de menos pode ser mais. Andarei atenta para encontrar o caminho certo. O que me pareceu elementar, dias depois, foi o fato de os olhos de Shau não apresentarem mais a angústia anterior. Rareavam os passos noturnos, entretanto, eles se mostravam mais suaves. Por alguns dias o silêncio foi completo. Percebi, então, que a vítima estava sendo eu. Não sabia ao certo sobre a gravidade dos atos... aos olhos de Shau nada incomodava. Preferi aguardar. Apaziguei o temor.

Na segunda semana, quase convivía com minha dissonância: a maldade por mim entendida passou a diminuir por uma justificativa pouco convincente: afinal, se a casa entende-se assim quem sou para impor meus entendimentos. Ela tem idade pra saber. Todavia, me estrangulavam momentos cheios de culpa. Essa perversidade não pode perdurar. Comecei a ter sonhos pesados: o peixe devorava a casa da tia. Um mês foi o tempo de ficar em casa do tio. Anunciei minha decisão: encontrara um apartamento a ser dividido com uma colega também do interior. O tio e a Shau disseram da inconformidade diante de minha saída, o que me levava a crer da falsidade dos sentimentos. Por mais um mês andei apenas interando-me de meus estudos. O foco da casa do tio, aos poucos, se afastava em tudo semelhante a uma tempestade de rumores distantes.

O bom mesmo se alicerçava na amizade com Débora Nagelstein, minha companheira de apartamento. Uma respeitosa convivência nos aproximava cada vez mais. Ela, já formada em enfermagem, realizava

um curso de pósgraduação na área de abordagens múltiplas de violência contra a mulher. Mostrava senso de humor, apesar de tudo.

— Os sábados nunca são de ressurreição. Te conto, Eliana, ressuscitei alguns bandidos. E por meus pecados... alguns deixei morrer. Meus movimentos se tornavam mais lentos. Ria sem culpa. Tinha muito que aprender. Pelo que falava, o pecado pode ser virtude.

Manhã de sol ardente; fechava o livro de história de Florence Nightingale, precursora da enfermagem moderna. A campanha tocou. Nem bem abrira a porta, Shauana abraçava-me com força, chorando, como diria meu pai, a bandeiras despregadas.

— O que foi, guria?

— Minha mãe... minha mãe. Ela tentou o suicídio. Consegui tirá-la de um galho de amora. Sorte foi o lençol esticar-se e o galho, molenga, cedeu. Ela rebentou-se sobre a roseira. A pobrezinha gritava em desespero. O pescoço doía e os pés sangravam pelos cortes dos espinhos.

— Qual é tua culpa? Não perdi a hora.

— Nem tanta culpa. Tenho vergonha e medo de ver minha mãe tão perturbada.

— Onde está ela?

— Os pés foram medicados no pronto socorro. Passa bem. O médico receitou uns calmantes. Ela dorme agora. Mas não estou preocupada... ela é escandalosa. O galho de amora não mataria ninguém.

Débora trouxe água.

— Conta tudo! Sei que você tem a ver com esta história. Sei de tua relação com teu padrasto.

— Desconfiava de ti. Por isso saiu o quanto antes lá de casa. Falo, então. Escuta, Eli. Comemorava meu aniversário, quando conheci Luciano. Quinze anos. Minha mãe me confessou: esse é o homem com quem estou saindo, filha.

— Você ama, ele?, perguntei para mamãe.

— Estou me permitindo olhar para um homem.

Assim as coisas foram acontecendo. Numa certa tarde veio ele, inesperadamente, lá em casa. Fazia dois anos que me olhava com desejo. Mamãe não estava. Pedi para esperar. Foi o começo de tudo.

Um vulcão me seduzia às profundezas. Não sei dizer ao certo. O certo: olhei com olhos de paixão. Sentei ao lado dele. Ele me tomou nos braços e aí mesmo, na penumbra, me fez mulher. Logo minha mãe chegou. Os dois dentro de meio ano passaram a conviver. Ele aceitou vir para nossa casa.

— Você consentiu?

— Resisti um pouco.

— Você, Shau, como ficou?

— Arrependida. Estava decidida a me afastar. Quando ficava solita com ele, saía, indo até Zélia, minha vizinha.

— No primeiro semestre, daquele ano, fiquei quase louca, mas resisti.

— Ele te envolvia.

— Aguardava minha decisão, sabendo da atração exercida.

Me debatia entre o desejo e minha vontade. Afinal, não poderia deixar minha mãe em situação difícil. Assim foi... lembra das férias de 2014? Fugi para tua casa. No retorno para a minha, comecei a namorar o Felício. Lembra a minha confissão com o padre Ataulfo. Tive coragem e contei meu drama de amar o homem de minha mãe. Só pra ver. Achei que o padre fosse se atirar de costas. Me ouviu como se estivesse ouvido a historinha de uma fada. Esclareceu: dormir com o padrasto não é coisa comum. Você está magoando tua mãe. Há um conflito perigoso demais para uma filha suportar. Concordei. Me permiti encontrar um rapaz. Foi Felício vir para minha casa pra começar o inferno. Luciano veio para minha cama à noite.

— Você cedeu?

— Cedi. Dia seguinte acordei, chorando. Minha mãe perguntou sobre meu choro. Falei que estava com cólicas, mas já passavam.

— Você não tentou buscar socorro?

— Sou uma diaba. Quero sair dessa. Ele está drogando minha mãe e me atraindo cada vez mais. Pior, estou enjoada. Sentimentos de paixão me devoram. Me assalta forte a ideia de me matar também.

— Vamos fazer diferente. Tem a delegacia da mulher, entreviu Débora.

— Não sei se é o melhor, respondeu Shau. Se a realidade vier à público acabo com Felício, com ele e com mamãe.

— É pior do jeito que está. Você é uma vítima e os fatos se precipitam em desfavor de tua mãe. Explica: se a minha tia não existisse, você ficaria com ele?

— Não sei

— Não vamos nos precipitar, fique calma. Vamos juntas sair dessa. Iremos até tua casa, fazendo de conta de nada estar acontecendo.

— Estou em tuas mãos, prima.

Nem bem começara meu curso, já algumas trevas me envolviam. Iniciei pelo lugar de um pecado matreiro. A minha juventude exigia condutas envelhecidas, enquanto animais arredios circundavam minha casa. Como alertava Ataulfo. Leões rugem ao nosso redor, loucos pra nos devorar. Meu corpo frágil se oferecia contra jubas ameaçadoras. Urros no meio do deserto. Em vez de um tio benevolente, um pedófilo doente contra a enteada. Ela, de um caráter claudicante. Se eu fosse um velho pastor das noites medievais gritaria do alto do púlpito: demônios da luxúria devoram nossas almas.

# O PECADO DENTRO DE CASA



A devastação aí, iminente, como o fogo sobre Nínive ou sobre o altar de Isaías. Antes uma carroça subir aos céus do que ter sucesso em meu empreendimento. Não carregava ao meu lado o látigo do Senhor. Uma ingênua garota metida a Joana D’Arc, sem exército. Antes o sol completar dez vezes o arco do dia, como conseguir afastar o pecado. Desse jeito ia me achando Nightingale. Não media a violência de Luciano. Estaria armado ao investir sua paixão contra Shau? Sabia de rochedos humanos, das malícias e artimanhas? Sabia das profundidades e das complexidades? Precoce foi a hora dos pecados. Qual o cordeiro a redimir o erro? Sentado ao pé do poço veio a mulher de Samaria, a estrangeira, ela com o Senhor a oferecer profundidades e água e eu na superfície, de boca seca. Como saber de tudo enquanto a história é desconhecida. Tinha a idade pra saber dos meandros? Aprenderia, num repente, o queurgia em Noélia? Humilde e sofredora, uma sexta-feira santa, aí sim se fazia uma ovelha no matadouro. O que ouvi precipitou minha angústia.

Enquanto Noélia dormia sob o efeito de medicamentos, Débora veio ter comigo.

— Escuta, Eli. Vejamos bem os fatos. Acho a Shauana tão culpada quanto o Luciano. Não tiro a culpa dele, mas ela deve também.

Nesse momento Shau abriu a porta. De supetão, Débora abordou-a.

— Escuta, quem você acha que tem mais culpa nesta relação?  
Não esperava tão grande reação de Shau.

— A culpa maior é minha. Fui eu que provoquei o Luciano.

Sabia de sua vida como ninguém. Ele adora uma garota nova. Queria saber tudo sobre sexo. E não seria com um piá ingênuo que aprenderia.

Depois de uma hora, passou o efeitos dos medicamentos.

Veio com uma ideia não coerente com os fatos, mas deixamos que desabafasse.

— Te digo, Eli. Desde a primeira noite vi o desgraçado possuir minha pequena. Chorei e muito. Pedi de joelhos a que não fizesse mal outra vez. De olhos raivosos, de rosto crispado falou quase em silêncio que vivia comigo em virtude da minha filha. E se fosse tua filha a ser violentada? Questionei o desgraçado. Ela não é minha filha. Vi um animal perverso. Só um homem poderia ser tão cruel. Os leões não devoram suas crias. Não sou leão. Pensei: o touro está louco. E não é que ele ia ao trabalho como se nada tivesse acontecendo. Conversava com naturalidade com as visitas. Ele privava de um círculo muito amável. Assim foi por um período breve. Quando percebeu o namoro de Felício é que foi.

— Continue, tia.

— Certa noite, senti muita angústia. Comecei a derramar sangue pelo nariz. Ele me olhou e nenhum sentimento solidário apareceu. Bebeu a cerveja. Bateram à porta. O mais que fez foi dividir a cerveja com seu amigo de trabalho. Depois que se foi, perguntei o que se passava com ele. Olhou-me, parecendo sacrifício me suportar. Acho que existe dentro da gente um lugar antigo, feito de uma força cruel. Pode ser despertada e, então, a gente não é mais a mesma. Este demônio velho comanda o espetáculo neste lugar. Quando fora deste círculo em que virou minha família, então, o diabo se fecha voltando tudo ao natural. Assim aconteceu na Alemanha. Quando ouço falar dos campos de concentração, penso que um país pode ser tomado por muitos demônios, num mesmo lugar. Descobri um revólver no fundo de uma gaveta. Escondi a arma... santa ingenuidade. Levei uma surra. Ainda carrego meus hematomas escondidos. Não suportei... com meus sentimentos extraviados, tentei minha morte. Não me permitia buscar socorro em minha irmã.

— Meu Deus, tia. Acredite, vamos encontrar uma saída.

— Me segure, Eli. Tenho medo de explodir de angústia. Me desculpe, tu és uma garotinha. Não sei se minha irmã vai me perdoar por te deixar passar por isso.

— Não tenha preocupação. Ainda esta semana vamos sair dessa ameaça. Confie em mim. Temos Débora, a enfermeira entendida em lidar com as piores violências dentro das casas. Não sou tão pequena. Aprendo ligeiro. Deus também mora em mim.

— Agora está na hora do ônibus.

Shauana levou a mãe para a rodoviária com seu carrinho, dado de presente por Luciano. Despediu-se, pedindo a proteção de um anjo. Deus vai nos livrar deste pecado, rezou Noélia.



# NA MAIOR INTERLOCUÇÃO



Quatro horas após a partida de Noélia, chama meu celular. Tudinha, aos prantos, pedia:

— Mana, por que titia chora tanto? Ela se ajoelhou, pediu socorro. Só pra ver a correria. Mamãe se dobrou sobre ela. Chorava mais que a tia. Que família chorona, mana! Pedi, o que foi que aconteceu? As duas se fecharam no quarto e eu fiquei de fora. Depois querem minha ajuda.

— Tudinha de meu coração. A tia está sofrendo muito com o tio Luciano.

— Ele é um anjo. Sempre alegre. Como pode?

— Quem vê cara não vê coração, maninha. Ele judiava muito a tia e a prima Shau.

— Então um lobo se esconde nele, como num filme de horror que assisti.

— Nem tanto. Agora tenho uma tarefa importante pra fazer. Depois te conto.

— Tá bem, mana.

Bati à porta de Débora.

— Débora, desculpe a confusão. Minha família está de pernas para o ar. Não tenho coragem de te meter nessa tempestade.

— Estou acostumada com isso. Enfermagem não lida somente com o corpo. As violências das casas também são nosso foco.

— E põe violência.

— Tenho recebido no pronto socorro do hospital coisas de chorar. Se precisar uma mão, enfermeira é pra estas coisas.

— Tenho poucos anos e sou pequena diante do diabo que me apareceu. Posso chamar Shauana?

— Claro.

— Acontece o seguinte: minha tia está perdida, achando que a morte pudesse aliviá-la do desespero.

— O melhor é entrar em contato com a delegacia da mulher, concluiu Débora. Vamos ver o que a delegada tem a dizer. Conheço a inteligência e a prudência dela.

Assim que Shau veio, sem perda de um minuto, fomos à delegacia. No caminho ela comentou sobre violências.

— O que acha, Débora, de Shauana voltar para casa do padrasto?

— Vamos ver o que a delegada tem a dizer?

— Ele se acha muito seguro. Entende que é uma banalidade o que está fazendo. Era só ver ele se despedindo. Parecia um anjo pedindo pra ela se cuidar. Ele é muito sedutor. Por pior que me custe dizer, não sinto tanta raiva quanto deveria ter. Parece que se misturaram ódio e carinho em meu coração, falou Shau.

— Eu conheço esta síndrome, Shauana. Mas quer continuar nessa situação? A vítima passa a amar o sequestrador.

— Pelo visto não é só isso. O ingrediente erótico se apresenta também.

— Não, por Deus e por mim, não. Apenas fui sincera. Minha mãe em primeiro lugar. Devo proteger o Felício também.

A estas alturas temia pelas reações de Shauana.

Chegamos e fomos ao balcão de recepção. Pedimos para falar com a delegada. Conheço bem este lugar, Eliana. É o lugar da delegada Zefira, muito competente.

Duas mulheres nos precediam. Uma com o rosto inchado, nervosa. A outra soluçava com bebê no colo. Muito habilidosa, a Débora se aproximou da primeira. Ouvia os abusos do marido. Quando não quero ele exige... um cacetete ao lado da cama... aí não tem dizer não. Reagi... quase me matou. A conversa de Débora acalmou a senhora machucada.

Ela retornou ao nosso lado.

— E daí, o que você disse pra ela estar mais calma.

— Pedi pra ela não esquecer de exigir o aparelho digital como medida protetiva. Este aparelho com GPS se chama SOS mulher. Se ela se sentir ameaçada, ao acionar o aparelho, imediatamente a polícia se desloca para protegê-la. Quando tiver polícia de plantão, é claro. Também, se for o caso de haver liberdade total ou semi-aberta do agressor, ele poderá ser obrigado a usar tornozeleiras. Assim que se aproximar do local de trabalho da mulher ou da residência, a central de polícia é acionada. Por isso ela ficou contente.

A delegada Zefira, então, nos chamou. Houve apresentação. A delegada reconheceu Débora, mostrando-lhe grande deferência. Fiquei aliviada. Estava bem acompanhada.

— Então gurias, o que está acontecendo.

Assumi a narrativa. Ao finalizar os eventos em torno de Shau e de Noélia, ouvimos.

— Shauana, tem certeza que você está interessada na prisão de teu padrasto? Instou Zefira.

— Não sei.

Estremeci toda, por perceber a inteligência da delegada.

— Por que não veio antes até a delegacia? Se tivesse vindo em tempo, tua mãe não estaria em perigo. Você amarelou por que gosta dele ou por medo?

— Mais por medo, senhora delegada.

— E você, dirigindo-se a mim. O que fazia por tanto tempo sem nada denunciar.

— Não avaliei que a ameaça fosse tanta.

— O padrasto comendo a prima, a tia se matando e tu quieta?

— Sinceramente peço desculpas, mas me sentia incapaz de enfrentar a situação. Também não sabia da força de uma delegacia da mulher. Sou do mato. Se estamos aqui, é graças à Débora.

— Você tem alguma ideia de como enfrentar a situação?

— Tenho uma sugestão, senhora delegada, antecipou-se Débora.

— Qual é?

— Sugiro que chame o Luciano, proibindo a presença dele na casa de Noélia.

— Acho boa ideia. Pode ser feito ainda hoje. E você, Shauana, vê se é coisa que se faça, transando com o padrasto. Qualquer encontro com teu Dom Juan será considerado uma ameaça para tua mãe.

Olhei para a Shau. Estava um trapo. Via nela o desespero.

De imediato, Zefira telefonou para Luciano convocando ele para uma visita à delegacia.

Sáimos em rápidas despedidas. Tremíamos, Shauana e eu. Débora, quase impassível, nos transmitia confiança. Agia como se fôssemos fazer um passeio pela cidade. Deixamos Débora no apartamento, depois de nos acalmar com estas palavras:

— Shauana, não tenha medo. Teu padrasto vai ser proibido de cercar tua casa para não acontecer o pior.

Silêncio enquanto pelo meio do caminho. Por fim a prima falou:

— Me sinto culpada em afastar o Luciano lá de casa. Fiz merda. Não é meu desejo. Minha mãe que resolva a vida dela. Que deixe a filha seguir em frente.

— Você perdeu o juízo.

— Se é que havia algum, altercou com voz agressiva.

Os olhos são os espelhos da alma, dizia mamãe. Aí via uma chama devastadora. Contra a fé e a paixão, não frutificam argumentos.

— Por favor, me leve ao meu apartamento. Prefiro ficar com Débora

— Vai para o inferno e me deixe em paz. Acabou comigo e pede um favor.

— Tu tá uma mulher perversa. Não vê em que transformou minha tia. Tua mãe se mata e você aí olhando pra barriga, ou melhor, mais abaixo. Tenha dó. Pega o Felício, se é pra transar.

— Quero um homem e não um garoto bobo.

— Me deixe aqui na praça, Marechal Floriano, que vou de táxi.

— .....

— Está bem, vou te levar.

O que é o inferno? Eu dentro da noite, tendo uma amiga endoidecida com uma nuvem negra me invadindo. Deu em nada, deu em tudo: uma prima perdida na paixão. Depois me dizem que a natureza

é gentil. Já vi o arroz de sequeiro de meu pai: uma esperança virada em palha branca, perdidos os grãos, uma safra inteira chiando ao vento. Vi lágrimas em meu pai. A natureza é capaz de matar o verde. Faz de uma mulher a escrava apaixonada. Puta merda!, lembrando o escritor Bordin, *O cavalo tinha pelo lustroso no lombo, mas os quartos marcados de feridas de tanto ter levado pancada de relho do nosso pai e de nossa mãe também*. Mais ou menos assim estava eu. Pela manhã, os bois carregando, com ferros, o animal rumo ao mato. Eu na noite sem uma estrela, nem um cavalo pra estender a cabeça na minha direção.

Mal havia entrado no apartamento quando Débora abriu a porta do quarto dela, sorridente.

— O tal Luciano foi falar com a Zefira.

— Então?

— Falei um bom tempo com ela. Demonstrou confiança em não mais incomodar a casa de Noélia.

Jesus não faria melhor: a intervenção de Débora se constituía em boa providência.

— Vamos descansar que amanhã vai ter mais. Minha preocupação é não saber qual o rumo da minha prima.

— O fato dele dopar tua mãe, não o incrimina?

— Sinceramente acho que entre as duas havia um trato silencioso. Desconfio até haver outro namorado de Noélia.

— Para mim é uma certeza: a Shauana não se aquietará.

Toca o celular. Não havia proferido a última palavra.

— Prima querida, peço perdão. Me sinto só.

— Amanhã conversamos.

— Está bem, prima.

— Nem me procure se é para amorcegar. Não dá para continuar desse jeito. Não vou aliviar o lado de ninguém. De todo jeito você, Shauana, não pode continuar alimentando esta barbaridade. Está com dezoito. É tempo de juízo.

— Sei. Mas você fala como uma mulher velha. O pecado é meu, sou eu quem vai pagar.

— Se houver sinceridade em teu propósito de se livrar da paixão,

acho bom pedir perdão pra tua mãe. Você não mediu as consequências levando ela ao desespero. Aqui fala a velha!

— Desculpe. Fui muito mal.

— Telefonei pra casa. Noélia vai voltar com meu pai.

— Agora podemos descansar. Ficaremos contigo Shauana.

Noite de angústia. De um sonho cheio de símbolos. O mesmo peixe que feriu meu pai mordeu-me o seio. Sangrava. Segurava-o pedindo pra devolvê-lo para a água. Me devolva meu peito! Vi também o desenho do peixe na parede de minha pequena Igreja. Padre Ataulfo entre brumas se mostrava austero. Ele é Jesus o ungido filho de Deus teu salvador. Perguntei duvidando sobre o salvador que devora peitos. Não houve resposta. Mas traduzi ao acordar: Cristão é aquele que deixa devorar o peito para dar vida.

Acordamos cheias de propósitos. Urgia minimizar o abuso de Luciano. Havia muita poeira no ar. Noélia carecia de abrir a boca pra se saber a verdade sobre o mal que a pegara pra valer. Deveria buscar um psiquiatra.

Duvido haver outro dia em minha vida, mais intenso: os movimentos não poderiam ser precipitados, tampouco lentos. Fomos por partes para matar o monstro rondando nossa noite que se estendia pela manhã.

Iríamos à delegacia da mulher pra ver o que fazer com a situação envolvendo Luciano. Vou, concordei com Débora, mas isso deve ser resolvido pela manhã, pela tarde tenho aulas. Telefonei para Shau e ela, prontamente, concordou. Meia hora depois veio nos apanhar.

Fomos, o trio na delegacia. Não havia reparado, na porta: DRA ZEFIRA, DELEGADA. Sentei um pouco distante das duas, elas tinham mais a dizer que eu. Zefira... lembrei dos italianos cantando na festa da igreja... *con questo zéfiro, cosi suave*. Traduzi zéfiro por vento suave. Diferente me parecia a delegada. Pudera! Pensei, lidando só com violências qualquer um perde a suavidade. Ela, como nave humana, movida a tempestades.

— Podem entrar!

Nem bem estávamos sentadas, quando chegou-se perto de Shauana e a metralhou.

— Então, comendo o padrasto e dando uma de inocente? Quase mata a mãe. Não tiro a culpa de Luciano. Claro, ele não está livre do mal, mas não cometeu crime em se deixar levar pela enteada de maioridade e conivente.

— E a mãe como é que fica?

— Quando ela retornar, peço pra Débora falar com ela.

— Tua mãe não desconfiava da tua relação com o padrasto?

— Não sei, desconfio que sim por causa da tentativa de suicídio.

— Se desconfiava, por que continuou nesta relação?

— Ela não gostava dele, pouco se importando que ficasse comigo.

— Tão simples e cruel?

— Como diz a Eliana, me parecia uma coisa banal. Vi a coisa feia quando os acontecimentos mostraram o perigo.

— Podem ir. Débora, você fica pra me ajudar. Pode ser? Tem outro caso de abuso.

— Posso.



# CONFISSÕES DA TIA NOÉLIA



A gente se acostuma com o mal. Tento provar com os seguintes acontecimentos. Mordia os lábios, roia minhas unhas. Desse jeito tomei o caminho para Santo Cristo, minha santa comunidade. Espiava pela janela do ônibus. A primavera dava seus sinais precoces. Isso me desagradava por causa dos pessegueiros. Eles têm mania de botar flores quando o inverno costuma se meter onde não é chamado. As flores desprotegidas, queimadas. A rosa não dá conta da geada tardia. Aquela manhã era assim. Não foi nem uma nem duas casas de pátios murchos. Se fosse apenas a geada cobrir de branco os galhos da pitangueira tudo bem, levava consigo as flores precipitadas. Queria ver de perto a realidade de minha casa. Em Santa Rosa meu pai me esperava.

— O que está acontecendo, filha.

— A Noélia sabia que a Shau transava com o Luciano. Não suportou o peso da situação.

— E agora?

— A Delegada Zefira, sabendo do consenso entre Shau e ele, apenas proibiu Luciano de frequentar a casa da tia, por receio de se repetir a ameaça de suicídio.

— Acho bom.

Paramos no pátio de nossa casa.

Neste momento a tia Noélia, sai correndo em minha direção.

— Ajuda salvar minha casa, querida.

— Tia não ponha tanta preocupação, tudo se resolve.

— Quero saber tudo que aconteceu.

— Vamos entrar.

Minha mãe me abraçou com ternura. Veio a Tudinha:

— Confio em ti, mana. Por tudo isso, não vou sair daqui, Eli.

— Também não é para se desesperar.

— Entrem vocês! A tia você, filha, e teu pai, que eu vou ficar com Tudinha preparando o almoço.

Meu pai deu volta pra tocar no tema da casa de Noélia.

— Pois é, meu pai iniciou: o rei David fez coisa feia contra o soldado Urias. Vamos fazer como David, erguer a cabeça e pedir um bom alimento que é bem longa a estrada entre Jerusalém e a nossa casa.

— Nossa, pai, por que tanta onda? Vamos direto ao assunto. Fala pra gente tudo que achar importante, tia.

— É isso, então. Desde que saí de casa pra estudar, perdi as noções de tudo que nossa mãe dizia. Fugi de tudo. A cidade é boa, quem avançou o sinal fui eu. Me achei uma colona querendo tirar o mato velho dentro de mim. Fiz curso superior, achando o conhecimento suficiente. Bom, vou ao ponto. Confesso: Jerônimo morreu por acidente. O que ninguém sabe é o fato de seu desespero ter relação com minha traição. O diabo faz a tampa... Descobriu de minha infidelidade com um amigo. Bebeu e se foi por aí. Uma árvore serviu como desculpa. Tentei o Luciano, meu Lúcifer. Minha onipotência estúpida me fez uma depravada. Vi nele um engano. Nada em mim correspondia qualquer tipo de prazer. Casei com as finanças e vendi até a Shauana. Busquei outra chance com um tal de doutor Xavier. No dia em que me afirmou desprezo, Shauana me encontrou na amoreira. Estou de volta. Sou professora de prestígio, mas de coração perdido. Precisei ver a morte de perto pra descobrir a vida. É patético, eu sei.

— E o caso com Luciano? Inquiri, curiosa.

— Estes dias me serviram para arrumar minha casa. Nada mais a ver. Acho que consegui encontrar caminho melhor.

— Acha que pode voltar?

— Agora podemos ir. Meus pecados foram suficientes. Não mais seguirei por aí. A minha filha restou viva e eu também. Vamos juntas acertar nossas horas. Quero rever com ela por onde andar.

— Não vamos culpar ninguém, falou papai.

— Me sinto devedora, apenas. Não ficarei com Luciano. Não confio nele, mas devemos enfrentar a fera.

Depois dirigindo-se ao meu pai:

— Quando quiser retornamos a Passo Fundo. Pode ser?

— Amanhã mesmo, que não fico nem mais um dia longe de Shauana.

Dia seguinte fomos rezar. Pedi a bênção de padre Ataulfo. Acontecia também silêncios em razão dos dias a serem assumidos.

O mais importante naquele domingo foi a perícia de minha mãe em ouvir a irmã. Retornava nela minha avó Fabíola.

— Esta hora em que estamos vivendo, mana, pode ser a hora de tudo ser melhor.

— Certos momentos são decisivos, respondeu.

Almoçamos.

Tomamos estrada.



# DAR FORMA AO DESCONHECIDO



Tenho a impressão: somos feitos iguais a uma receita genética. Por outro lado, existem intervenções e cada mistura aderida pode dar conta de resultados diferentes. As receitas em desenvolvimento em Chau e a tia vão dar em que? Não sou escritora. Sou de uma curiosidade, acho até meio mórbida, crítica demais. O ventre da natureza é fértil em mudanças, e salve-se quem puder num tempo de poucas recomendações éticas.

Havia rumores em torno do desconhecido. Marcante foi o encontro entre a mãe e a filha no entardecer daquele domingo.

— Perdão, minha pequena, por tanta confusão.

— Quem pede sou eu.

— Vamos dar conta de cada dia que vier, filha.

— Vai ser assim!

A veemência com que Chauana falou foi de uma confiança exultante. O exagero da expressão prometia medo em sua vontade. Pronunciava-se a dificuldade em esquecer Luciano. Quem grita muito mostra o temor.

Algumas pedras haviam de ser removidas. Fomos à delegada. Zefira nos recebeu bem. Não houve questionamentos austeros. Tia Noélia reforçou a ideia de Luciano não ser perigoso, como se poderia pensar. Se Chauana fora conivente com a relação afetiva, então resta apenas vergonha do inusitado, falou Zefira. De toda maneira, Luciano está proibido de pisar naquela casa.

Fomos embora.

O silêncio de uma tempestade é grave. Desde a minha infância, me angustiava o tempo de um horizonte entre escuro e ruivo: quieto o

horizonte de onde anunciavam roncões solenes de trovões. A quietude dos pássaros se somava ao medo.

Para não haver nenhum equívoco sobre as reações de Luciano fomos ter com ele. Meu pai viera dirigindo. Pretendeu saber de perto sobre o estado do amigo. Fomos bem tratados. Se externou com transparência sobre sua relação com Shauana.

— Pois é, Fabiano, as coisas se excederam, mas garanto, não vão se repetir. A delegada aliviou o meu lado.

— Assim espero, Luciano. Não sou de pregar o bem, mas a relação com Shauana me parece estranha.

— Era estranha. Tudo terminou. O susto foi o suficiente para mim.

— O que aconteceu não exclui nossa amizade.

— É verdade, Fabiano, já não tem motivos largos para prosperar.

— Falou, tá falado.

Depois ele olhou para mim e pediu desculpas.

— Não sei o quanto minha quase sobrinha esteve nessa enrascada.

Apenas aconselhei-lhe a que deixasse minha tia, que as coisas desenhadas não eram boas.

— Meu temor ainda está em Noélia. Ela se perdeu depois de perder Francisco, que era tudo para ela. Assim julgava eu.

Ela estava em outra. Que coisa, haver quem ame vendavais, refleti.

— Sei que fui nada para ela.

— De fato, interferiu meu pai. Às vezes andamos mal. Damos com os burros n'água.

— É isso, como os bandeirantes, aventuramos em regiões pantanosas. Acabamos perdendo o burro e o ouro.

Hora de sair. Apenas um riso sem graça na despedida.

Sabia haver o tumulto oculto desde a nossa chegada. Preferia, entretanto, disfarçar para mim mesmo: tudo está bem na terra de Abrantes. Vamos atacar os diabos no devido tempo. Eles tumultuam a alma: entre a consciência e a irracionalidade há mais que entre o céu e a terra. Nem sempre o bolo sai de acordo com a receita.

O tempo se vinha e se ia entre eu e a Shau. Ela jurava tudo andar bem. Voltou para Felício. Pobre rapaz, um fervoroso discípulo de bom caráter. Quando universitário montava peças teatrais. Me agradava participar, como ponta, em algumas representações. Em *Os fuzis da senhora Carrar*, fui Manoela, vizinha da senhora guerreira.

Depois ele, como eu, nos formamos: ele engenheiro mecânico e eu uma enfermeira cheia de cuidados. Estagiou em Sorriso, Mato Grosso e por lá ficou trabalhando. Dei os parabéns para Shau.

— Agora pode casar, aconselhei a Shau. Basta desse namoro. Ele está bem e você com tua habilidade de dentista pode dar conta de uma vida boa. Tua mãe achou um coroa, garantindo segurança. Um professor super fiel e moderado parece segurar em correntes os diabinhos de minha tia. Até o nome dele é meio santo: Teodósio.

— Exatamente. Todo cuidado é pouco, dos diabos pouco se sabe.

— Vou ficar de olho nela. Passávamos juntas quase todos os domingos. O seu Teodósio carrega uma dose da graça divina. Só um santo pra fazê-la rezar. E você se formando em Odonto terá muitos clientes em Sorriso. Não demore que as crianças nascem melhores em corpo jovem.

— Pare com isso. Quem disse que vou ter filhos?

— O Felício é que ama uma família à moda antiga.

— Vou pensar muito bem nesse assunto.

Cinco anos se passaram depois dos dias de tumulto. Entretanto, ao se olhar bem o jeito de Shau, havia ainda uma angústia mal guardada.

Bem mais tarde me confessou eventuais encontros com Luciano. Dividida, entre o tumulto sexual nas relações com o coroa e a fidelidade caseira com Felício, uma conjugação mal feita entre amor, paixão e casamento. Depois veio a questão de vida profissional. Até o Felício vivia repetindo por telefone: tem trabalho pedindo tua presença, Shau.

Agora eu vejo mais uma vez a ideia das receitas. As receitas Shau-Felício reunidas dava um feijão com arroz. As receitas juntas: Shau-Luciano, garoupa e camarão com pimenta. O preço a pagar é que era, a grande diferença.



# UM RAPAZ DAS ARTES



Como falei, Felício criara um grupo de encenações teatrais durante o curso de engenharia. O gênero dramático era o preferido. Participei, também, de uma encenação sobre um dos quadros no qual fui a enfermeira de um professor que havia levado safanões por se insinuar a uma das alunas. Ela não sabia como se desvencilhar dele. Os alunos exageraram na medida ao aconselharem a que parasse com seus arroubos. Ele reagiu contra um deles, mas na queda fraturou uma costela. Por detalhes não fraturou a coluna. Felício representava o professor. Nos divertíamos muito, imitando os fatos. A composição dos diálogos, escritos por Felício, fazia rir até zumbi. Numa das cenas eu tratava do professor. Mesmo aleijado, no papel de professor, mostrava comportamentos indecorosos. A racionalidade de Felício era-lhe uma virtude. Entretanto, jamais alguém adivinharia haver um rapaz centrado atrás daqueles gestos teatrais. Duas pessoas se uniam numa só. Pois é, vez por outra, comentávamos nossas virtudes artísticas. Vamos adiante.

A distância entre Passo Fundo e Sorriso não inibia a amizade entre eu e Shau. O Skipe funcionava quase diariamente. Numa destas conversas me revelou sobre os encontros fortuitos com Luciano, durante o curso de odontologia.

Pois bem, em dez anos nada de novo sob o sol de anil de Sorriso. Felício continuava a mesma pessoa. Ninguém foi visto sobre um palco nem produziu uma peça teatral. A austeridade profissional ditava regras. A família fazia dele um respeitável senhor. A tentação de Shauana silenciara. Felício, não mostrava mais a face apreensiva. Asseverou-me Shau: olha, Eli, meus filhos estão bem. A tempestade se foi. Os dias estão serenos.

Aos poucos fui me dando conta da distância de nosso passado. O hospital e minha casa me alegravam. Tudinha cresceu em sabedoria, idade e de barriga. Casou-se com o vizinho. Amorosa que era, não aguentou nem um ano para ter seu pequeno Filipe. Fui vê-la. A felicidade tinha o nome de Tudinha. Sempre que ia para casa não deixava de pescar. Tudo se reduzia à simplicidade de um açude. O grande peixe se fora. Fui ter com padre Ataulfo. Meu marido Amaro, apreciou cada canto de nossa casa. Havia um homem bom em minha casa. Os filhos se sujavam com a terra boa de meu pai. As árvores não tiveram descanso e os ovos nos ninhos foram mal cuidados por causa deles. Não paravam até quando meu pai, vendo os sustos dos pássaros: vocês querem os passarinhos mortos? Eles entenderam. Leonardo e Mirele, duas divindades caseiras, minhas ternuras. Até penso em escrever um livro sobre os dois. A vida se fazia neles em tumultos alegres e, por vezes, preocupantes. Entre criar filhos confiáveis – haja disciplina – e filhos amorosos – haja ternura – andávamos eu e Amaro como marinheiros de primeira viagem.

Assim se produziam as conversas com a Shauana: coisas de família. Quando soube da instalação de uma filial de Luciano em Sorriso, comecei a temer pelos filhos dela. A natureza cumpre ritmos. Era isso: se ela retomar o surto antigo de uma afetividade sem domínio? E a reação de Felício? De uma alma artista nunca se sabe muito das reações... Sabia da serenidade de sempre, mas o diabo se esconde em qualquer canto.

Numa noite de verão, dormindo meus filhos, sonhei. Num pesadelo via Felício pedindo socorro. Um peixe maior devorava o pobre homem.

# PECADO MORTAL



Pra não dizer que não falei de amor: Dez anos transformam vidas. Casei com o menino de Coxilha. Colona eu, colono ele. Amarildo transformou-se num homem bom. Nossos filhos, Leonardo e Mirele, duas promessas de gente boa. Minhas palavras se estendem na voz dos três. Definitivamente já não sou a mesma. Tenho muito a dizer do amor. A extensão de meu ser é um manual de ontologia. Pra ver, até um curso de filosofia realizei pra pôr um pouco de organização em minha vida. Trilhei o bom caminho. Poderia ser melhor? Não sei. Me esforcei para não negar o principal. Lavei minhas crianças e, garanto, fiquei com as crianças. Acho que joguei a água suja fora e fiquei com elas, isso garanto. Estou aprendendo a ser solidária, não sem conflitos, como foi e é esta cidade, cheia de contradições. O Amarildo comunga comigo da mesma fé. Deus anda entre nós e não tanto em nós. Falo tais coisas de mim e de minha casa pra ter forças, entretanto, a finalidade é relatar o pecado que continua a envolver-nos. É dele que vou me ocupar agora.

Para continuar, começo por minha tia Noélia. Ela, em vez de sentir qualquer ameaça, se diverte com seu Barão, o Teodósio. Gente boa e amiga de nossa casa. Homem baixinho, mas sempre afeito de importâncias. Dizia ele que a maior injustiça em Passo Fundo, foi terem os maragatos perdido a revolução. Barão de apelido por causa do Barão original, maragato, que ludibriou as forças legalistas de Gervásio Annes e seus soldados, se fazendo de uma velha baixinha.

Ele, o par de Noélia, é uma pessoa alegre e generosa, mas ciumento que só ele. Minha tia apara as ciumeiras provando a imbecilidade dos arroubos teudosianos. Assim vão os dois amantes e duvidosos um do outro, que o baixinho invocado também arrasta a asinha por aí, mas felizmente sem graves consequências.

Pois bem, a tia pouco vê a filha e o Luciano. Pra fugir da tentação, e por gostar de Felício, foi morar com ele em Sorriso. Ele instalara negócio de irrigação com o que se deu bem. Bom de relacionamento, fez da gauchada uma clientela de muito valor. Ela me confessara do instinto forte voltado para o ex-padrasto, por isso não queria fazer de Felício um homem traído. Bem a gosto de seu espírito, brincava que era suficiente o chapéu a cobrir-lhe a cabeça.

Não é que o compulsivo Luciano não perdeu o desejo, apesar da distância. Para o diabo percorrer dois mil e trezentos quilômetros pode ser eletrizante. Criou em Sorriso uma filial de seu escritório de advocacia. Continuou sempre perspicaz e matreiro. Se de ovelha se fingia, escondia a esperta raposa. Preferiu Sorriso com segunda intenção, não negando as oportunidades de grandes processos.

As peripécias do escândalo familiar mantidas em segredo fugiram pelas portas dos fundos, chegando até a rua. Se fez pouco o espaço da rua até os ouvidos de Felício. A voz do ciúme é intriguenta. Felício não manifestou nenhuma ressalva ao problema existente. É passado, fingia. O fato de Shauana mostrar boa vontade em se mandar para Sorriso constituía documento bastante para afastar o incômodo acontecido. Shauana antes de ir para esta distância me confessara: querida Eli, se ainda me atraí o coroa, feito uma paixão, me vale mais o amor bem feito de Felício. Depois, a maternidade sufrenou qualquer inclinação intempestiva. Duas crianças encantadoras, porém, conforme antiga história espanhola, havia um diabo espiando pelo telhado de Shau.

Numa das idas de Luciano até o território da paixão oculta, se deu o acaso de Felício atender, por alguns dias, grandes lavouras na implantação de seus serviços de irrigação. Shauana costumava almoçar com as crianças num determinado restaurante. Por coincidência ou não, encontrou-se com o inesperado. Por telefone Shau, confiante em mim, narrou ter falado para Felício do encontro casual. Ela sentiu nele uma preocupação irrelevante. Dias depois, ela cheia de desejos, conseguiu aparar qualquer aresta. Nada mais houve. Ele, Eli, nem ligou para notícia.

O encontro, na primeira vez, se tornou efêmero, revelou. Shau conseguiu manifestar indiferença, fazendo do encontro coisa do passado.

De outra vez, ela telefonou mais agitada. Em outra ida dele com a intenção de se acercar dela, teve maior êxito. A sinceridade dela me comoveu: Eli, não sei se resisto. O diabo me circula pior que um gato e a ratinha sou eu.

Que não se afastasse da fidelidade em razão de Felício e dos filhos. Nunca espere coisa boa de um marido ressentido. Você não tem o direito de estragar a felicidade de teus filhos, por causa dele. Já basta a primeira confusão. Você era uma garotinha, agora é a mãe protetora que deve falar. Ela se pôs a chorar como uma criança indefesa. Puta merda, exclamei.

Para finalizar pediu para que interviesse. Não deu tempo para me aproximar do velhote em Passo Fundo. Já ia pra mais de sessenta anos. Andava, porém, endoidecido de cima pra baixo nesse país. Telefonei para o escritório, partira pela manhã para Sorriso. Eu aí, na mais angustiada tarde, telefonei, sentindo a aflição por ele, gritei: por favor, resista, Shau.

Sete da manhã, dia seguinte, o telefone.

— Balearam o Luciano, ouvi. Ela chorava.

— Escuta, Shau, e o Felício.

— Está deitado.

— A que horas foi isso?

— No rádio está dando que foi antes da noite de ontem.

— Tem alguma explicação para tanto?

— A vizinha me falou apenas que é um advogado.

— Alguém viu o atirador?

— Estou ouvindo no rádio. Era um jovem cabeludo e barbudo, disse o dono do hotel, onde o advogado costumava ficar.

— Teve então o que merecia. A que horas o Felício veio da empresa?

— Bem antes do crime.

— O Luciano está vivo?

— O noticiário diz que a bala feriu a medula. Tem perigo de andar de rodas, falaram os paramédicos.

— E o que diz o Felício?

— Se ele buliu com menina, como existe comentário, alguém fez justiça, falou.

— Agora ele se levantou. Quer falar com ele?

— Não carece.



# ENTRE A MORTE E A VIDA



Não é que encontrei a delegada Zefira no Shopping. Brinquei com meus botões: seu nome poderia ser Zé-fera. Contei-lhe dos acontecimentos de Sorriso. Omiti minhas desconfianças. Apenas narrei sobre a sorte de Luciano.

Ele é um semi-pedófilo esperto. Espera suas vítimas chegarem a dezoito anos. Apontou para a semelhança dele pra com as raposas metidas em galinheiros, um dia levam chumbo, brincou.

Parece ser verdadeira a ideia do eterno retorno. O Luciano veio a ser meu paciente. Mais que tudo me ocupei com ele. Me fiz de inocente na causa desse malandro. Nos primeiros dias atendia diariamente o ferimento da vítima. Coordenava os serviços de enfermagem no posto do quarto onde ficara. A bala decepou parte da medula inutilizando os movimentos das pernas.

Ele manifestou surpresa por meu conhecimento das investidas pra cima de minha prima lá em Sorriso. Depois me fiz de confidente sobre os acontecimentos. A fala se manifestou funda. Pois é, matutei, com meu branco e inocente uniforme: a dor faz abrir a boca. Confessou a vida intensa da inclinação que o invadia.

— Pois é, Eliana, de que adiantou ter até um avião para ir e vir, encantando as meninas com meu pássaro azul... Meu piloto depois de me trazer de Sorriso ainda perguntou se ia carecer dos serviços dele. Olhei-o cheio de dor e raiva. Nada respondi. Lembro dele também quando comentava dos dias de minhas conquistas.

— Por que comer galinha velha se as franguinhas querem ir pra panela?

Mostrei-lhe minha insatisfação em relação às investidas do quase velho. Mostrei-lhe a falta de pudor e a vergonha que deveria ter.

— Toda ação leva a uma reação, instei. Não é por nada a deficiência em que se encontra.

— Choro a perda dos movimentos. Nem tanto o das pernas. Olhou-me de uma tristeza absoluta.

— Pois é, Luciano, quem diria? Lembro você lá em casa. Olhou-me até com olhar de cobiça. Não deixava por menos as meninas. Assim foi com Sahuana, não foi?

— Foi, mas ela se dobrou ao desejo mais que o meu ao dela.

— E cadê o respeito? De uma casa, feito um lugar de lobo.

— É o meu sofrimento. Chamam de pedofilia. Essas adolescentes são abusadas. Elas pedem minhas intenções, então, fico sem controle. Mas nunca fui sem completarem a idade para poderem deliberar.

— Bem, agora não precisa mais de tratamento. E quantas foram as garotas de Sorriso?

— Não cheguei a ter uma sequer. Apenas olhei, me cercado de cuidados.

— Dizem que foi um pai muito desconfiado que te acertou.

— Procuraram e muito e não encontraram nenhum pai.

— Quem seria o atirador?

— Um cabeludo de barbas ruivas foi quem me atirou. Me deixou de coluna em pedaços, o filho da puta.

— E agora, como vai encarar a vida?

— Me resta morrer.

Dias depois deu alta. O mais constrangedor foi não encontrar um parente para acompanhá-lo.

Meu sentimento de solidariedade foi intenso. Uma lágrima mostrou-me a realidade em que se encontrava. Dia seguinte, manhã de minha folga, fui ter com ele. Não foi tão gratuita a minha visita. Não me saía da cabeça a figura do peixe se debatendo na possa. Aquele domingo me revelava a morte. Não podia me afastar de quem sofria. A profissão e minha vocação cristã me levaram até ele.

Me saudou de uma dor avassaladora.

— Tenho enfermeiras que me cuidam. Só não cuidam da dor que sinto de mim.

— Vim pra me sentir melhor, afinal foi meu tio de passagem.

Olhou-me sem afeto. Nada era de se esperar, vendo-o menos da metade: voz baixa, olhar distante, rosto magro, depressivo. Me convenci: uma paixão extrema acaba com qualquer vivente.

A desesperança acabou adoecendo a alma. Tentei, em minhas visitas, revelar a espiritualidade.

Quando retornou ao hospital, acompanhei-o com carinho. Fui a professora final. Deixou-me um envelope com um cheque de alto valor. Perguntei a razão daquele valor.

— Sei que te magoaria, Eliana, se fosse pra ti. Esse valor é para as crianças e adolescentes abusadas. Nunca fiz qualquer ato contra a vontade de qualquer garota, mas sei que forcei a fragilidade de cinco delas. Lembro, Eli, de quando você era uma garota. Fui visitar a tua casa com Noélia e Shau. Fui à missa. Você falou no cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Não sei se tira o meu. Assim espero. Não conseguiu dizer mais nada.

Luciano veio a falecer poucas semanas depois. Chorei muito por ele e pela fragilidade humana. Criamos um fundo para o auxílio no tratamento de meninas abusadas e em situação de risco sexual. Se ele abusou de seu poder sexual, de outra parte a contribuição ajudou muitas adolescentes.



# A MORTE ESCONDIDA: DA MOIRA NINGUÉM ESCAPA



Depois da morte de Luciano, Felício me seduzia, seja por desconfiar da morte do pedófilo, seja por um quase mórbido interesse em avaliar a morte de todos os jeitos. Por lembrar Felício lembro dele me ensinando sobre Homero. Especialmente ria-se do Jeito de Odisseu matar os pretendentes de Penélope. Não sou artista coisa nenhuma, mas o teatro mexe comigo. Não esqueço ele quando lia: *da Moira ninguém escapa*. E ria muito ao concluir declamando no apêndice do terceiro livro de Odisseu: *Ítaca: Postado na soleira, Odisseu espalhou as setas pelo chão. De olhar sinistro, acerta um pretendente: Antínoo. Escolheu outros para alvo. Era mirar e derrubar. Quem diria que aquele velho maltrapilho escondia Odisseu? Reuni todas essas coisas, ninguém conseguiria tirar de mim que na história de mirar e derrubar Luciano, Felício não tivesse parte.*

De tanto diagnosticar, olhando para sinais, vi, *muy cerca*, meu amigo Felício. Como estaria o artista? Muita coragem casar com Shau, sabendo da ligação com Luciano. Bem, na verdade, ninguém conhece ninguém. Menos ainda quem carrega o próprio nome. Por um tempo a gente pode ser uma coisa e depois outra. Outras águas passam sob a mesma ponte. Nunca se sabe no bicho que vai dar. Mesmo sabendo-se costurada por tecido de hábitos inconsúteis, qualquer um pode rebentá-los com alguma desculpa. Dou, às vezes, para filosofar.

Pois bem, Amaro – encurtou o nome e se estendiam os anos – já fazia um tempo, manifestava interesse em ver as terras de Sorriso. Afinal nossos filhos Leonardo e Mirele queriam também conhecer os filhos da tão comentada Shauana. Tomei três dias de minhas férias e nos tocamos pra ver nossa prima. Fazia 12 anos que Luciano falecera e nossas vidas também se comprometiam com o tempo. Confesso carregava na mala

uma curiosidade extrema. Buscaria saber do tiro ao anoitecer, levando Luciano à morte. Quem foi o flecheiro dele?

Sinceramente desconfiava de Felício em razão da competência teatral, como razões não lhe faltavam para calar Luciano. Necessitava da maior discrição. Por certo, Shauana poderia levar a mal qualquer bisbilhotice de minha parte. Curiosidade de uma memorialista... pecado de mulher.

O que mais me encantou foi ver a exuberância da cidade e da região. Senti meu Rio Grande do Sul velho ao ver aquela cidade tão viva. O nosso povo parecia um povo cansado e triste, comparado às vibrações daquela gente.

No segundo dia de estada na cidade, aproveitei os momentos para me dirigir ao hotel onde ocorrera o crime, enquanto Shauana saíra pra atender uma cliente. Por sorte minha, o dono morara em Passo Fundo. Guardava boas lembranças daqui. Ao narrar, parte por parte, sobre o lugar, ele mostrou-se comunicável. Aproveitei para ouvir dele sobre o tiro ocorrido naquele ambiente.

— Sabe, senhora Eliana, até hoje a polícia se pergunta sobre o atirador. Um homem bom e competente. Ninguém poderia imaginar qualquer perigo naquele advogado. Vi ainda ele entrando aqui no hotel. Vi também o atirador. Um cabelo longo e uma barba ruiva mostravam um homem jovem. Estranhei somente ele andar com calma impressionante. Correu voz sobre o doutor Luciano. Adorava garotinhas, falavam. Ninguém conseguiu provar nada. Vi ele conversando com a filha do Deon. A polícia interrogou. Ela conversou sobre o coroa. Nada que confirmasse qualquer abuso. Dias depois, como sempre, apareceu o Felício pra saber da confusão. Admirei a capacidade dele em apontar possíveis assassinos. O Felício comentou que, antigamente, a vítima carregava inclinações de um pedófilo. Você sabe da maldade popular. Essa conversa rolou ligeira. Até o Felício foi chamado uma vez que afirmara para mim da inclinação do coroa. Outras delegacias foram intimadas para saber dos hábitos dele. Sei de boca pequena de uma antiga relação com Shauana.

Eu a vi com Luciano num restaurante. Morava em Passo Fundo, quando houve a aventura rumorosa dos dois. Na entrevista o Felício comprovou seu álibi. Por outro lado, não se soube de alguém pressionar a polícia para saber do ocorrido. Não sei a razão, mesmo prescrito o crime do teu amigo, me salta uma dúvida que afastou de mim. Longe de

mim qualquer insinuação e se ria todo. Surgiu até a ideia de Luciano ter se aproveitado da perícia de advogado para enrolar o Deon.

Pela manhã do último dia, conversei com Shau. Sem noção de nada ela me falou: encontrei, dia desses, barbas ruivas guardadas, lembranças da universidade dele. Te juro, Eli, e não me envergonho. Lembrei o criminoso de Luciano. Corei depois e muito. Que coisa é essa, Eli, de não segurar meu choro? Quando Felício chegou, desconversei. Choro pelo futuro de meus filhos. Pensou, é quase certo, são coisas de mulher.

Pela tarde do último dia de nossa estada em Sorriso, tomei liberdade de conversar com Felício. Mostrou-se arisco no início, mas cordato a seguir.

— Felício qual é a tua versão sobre o tiro no Luciano?

— Vai ver ter sido um pai com raiva oculta em torno do pedófilo. Tem também, a história de posseiros.

— A polícia desconfiou até de ti.

— Deixe-me rir, Eli. Estava com dez trabalhadores do Schaurich. Terminado o serviço, retornei, chegando bem depois do balaço. Confesso, não lastimei. Você sabe mais do que eu, pelo que me falava a Shau, da falta de vergonha desse advogado. Meu relacionamento com ele foi profissional. Defendeu uma causa trabalhista a meu favor, nada mais.

— Dizem até ter sido um funcionário de tua empresa por ter enricado rapidamente.

— É verdade. Paguei e pago bem a quem bem trabalha. Hoje até busca meus serviços pra lidar com as lavouras da propriedade dele. De uma das lavouras sou sócio. Só pra ver, Eli, como esse povo conversa. Vai dizer que você também pensou mal de mim. É curioso que tenha interesse no caso.

— É vero, Felício. Lembra as representações teatrais na universidade? Quando me disseram das barbas... Você se transformava em outra pessoa.

— E você me achava capaz de matar?

— Nada mais me espanta depois do que se vê num hospital. E alguma razão poderia haver? Eu sabia de teu poder de expressar paixões. Lembra da vez que representamos *Os Fuzis da Senhora Carrar*?

— Não esqueço você, Eli, imitando a vizinha da senhora Carrar: *o cravo saiu ferido e a rosa despedaçada. O cravo ficou doente. Bem ou mal, assim aconteceu.*

Sáimos de Sorriso, tendo poucas dúvidas. Convencida apenas: o diabo é discreto ao se mostrar na alma. *Bem ou mal assim aconteceu...* o riso vitorioso de Felício foi convincente. Pela noite de nosso último dia, sonhei com o peixe daquele domingo e um canto dizia. *Agnus Dei qui tollis peccata mundi. Miserere nobis.*

# QUEM TIRA O PECADO DO HOSPITAL?



Tempos depois, Shau e Felício viriam nos visitar. Iriam a um hotel. Estranhámos uma vez que nossa casa andava vazia. Mirele e Leonardo moravam em apartamentos. Felício apenas falou pra Amaro, dizendo estar um pouco nervoso. Pela tarde do outro dia nos visitaríamos.

Pela manhã estava no Hospital. Verificava o receituário médico ao ouvir: Eliana, querem tua presença urgente no quarto 203. Saí correndo.

Uma surpresa e tanto. Era o Felício. O nome não correspondia à visão do seu rosto.

Era pra ver o estado de Amaro. Logo se explicou.

— Querida, precisava ver o estado do Felício quando fui ao hotel. Ele teve um fluxo de consciência. Vim na corrida. Do hotel telefonaram lá pra casa. Não perdi tempo. Ele estava confuso. Corri pra cá. Mal chegamos e um doutor aplicou uns calmantes. Agora já dorme.

— Meu Deus, como é que não me avisaram?

Ficamos sem saber o que fazer por meia hora. Me dei conta de telefonar para Shau. Falei-lhe que Amaro iria apanhá-la no hotel. Foi o que aconteceu.

Vi, então, o meu teatrólogo desperto.

— Ué, o que houve contigo, Eli?. Em primeiro: muito bom dia meu artista!

— Ultimamente, apenas um figurinista. Mas vou ao assunto. Estou enlouquecendo, senhora Carrar. Por favor, não aponte nenhum fuzil em minha direção. Mereço estar no paredão.

— Fale, então. Te ouço, embora a velhice me tenha tirado trinta por cento da audição.

— Quem atirou em Luciano fui eu, exclamou! Apenas me servi das mãos de meu sócio. Se criei um enredo bem feito, isso não tira minha culpa por ter matado Luciano. Tenho quinze anos de culpa. Não consigo mais disfarçar. Nem aguentar essa mentira.

— Não é bem assim.

— Me vejo um matador! Ele apenas levou um ano sobrevivendo como animal ferido. Não sei o que faço para tirar a culpa. Os olhos de Shauana me acusam depois que encontrou aquela maldita barba ruiva.

— Está bem que as atitudes de Luciano não justificam o tiro dado. Também havia em mim a certeza de tua participação. Me consolava com o afastamento do mal causado a outras adolescentes e a outras famílias. Descobri que ele era pior do que se pensa: que mal compare, fazia como meu pai.

— Não diga bobagens, Eliana.

— Meu pai pegava alevinos, tratava-os até crescerem. Quando de bom tamanho, escolhia os melhores da rede, servindo como jantar. Eram apenas peixes. Luciano ia envolvendo certas meninas, quando completavam a idade madura, fazia delas seu prato preferido. Assim foi com a Shau, antes de te conhecer.

— Sei disso.

— O certo é: ele continuou sendo o pedófilo de sempre. Um grande mal foi afastado. Não se cumpriu a lei, contudo, disputando-se a imoralidade da causa, o crime parece desculpável. Não entro no mérito jurídico. Te confesso, Felício: se ninguém te condenou, não sou eu quem vai te aborrecer com qualquer acusação.

— O teu entendimento me alivia, Eliana. Me basta o teu perdão. Havia em mim uma dissonância a me condenar. Eu minimizava a culpa todos os dias, avaliando o mal que ele estava por fazer em minha casa. Isso não bastava: me sobrevinha a acusação diária. Foi então que perdi a cabeça, não me conduzindo mais em paz. Perturbava a mim e a todos que me cercam.

— Tem mais, continuei. Se agora o mal for revelado, tudo há de piorar. A tempestade passou. O silêncio, no caso, é o melhor remédio.

— Até li um livro antigo, Eli. Não sei se é de Tolstoi ou de Dostoievski. *Crime e castigo* é o título.

— Sei até onde quer chegar com Dostoievski. O protagonista é o criminoso Raskólnikov. De fato, ele matou uma velha usurária. Cada crime tem seu tamanho. O estudante matou por razões menores, apenas para não pagar o aluguel. A culpa cobrava de Raskólnikov a reparação. Tornou-se culpado e confessou para Sonia, uma amiga. Ela mandou que buscasse a lei para ser castigado. Assim foi. Apenas ele era o envolvido. Diferente de teu caso. Ele pagou sua dívida somente pra se sentir aliviado. Matou por muito pouco. Sugiro fazer o mesmo que Luciano fez. Pague em dinheiro para ajudar as meninas em risco. Temos uma fundação para tanto.

— Você está sugerindo a que saiam por aí a matar pedófilos?

— Longe de mim, mas se for exatamente igual a teu caso, não sentiria culpa pelo benefício posterior. Tu não sabes de quantas vítimas de abuso sexual já afastamos do sentimento imundo. Construimos até espaço para proteger meninas próximas ao suicídio. Me assusto cada dia mais ao ver tantas casas onde se praticam esses crimes.

Quando minimizada a culpa, posto um medicamento para aliviar a tensão remanescente, Shauana entrou. Veio carregada de sacolas. Espantou-se ao vê-lo consciente e radioso. Conversava alegremente, meu Raskólnikov.

— Agora deixemos ele descansar. Vamos para minha casa.

Dei as últimas orientações às enfermeiras de plantão e saímos do hospital, não sem abraçar meu diretor de antigas incursões teatrais. Shau ficou devendo.



# UMA CONVERSA PARTICULAR



Mal havíamos entrado em casa, Shau começou uma fala que me fez sofrer.

— Tenho raivas ocultas em mim. Isso é pouco pra dizer o que sinto de Felício. Sabe, Eli, se não falar o que carrego, também vou ficar como Felício. Louca, muito louca.

— Ideias ruins causam engulho, prima.

— Quando encontrei a barba ruiva, igualzinha ao criminoso de Luciano, odiei o Felício. Mais me certifiquei de ter sido Fernando o bandido. O sócio de Félix. Liguei partes com partes e tudo se encaixava. O álibi de Felício o protegia, sem dúvida alguma. Certa feita, ao chegar à fazenda dos dois, vi o Fernando ensaiando um andar do jeito do matador de Luciano. Bem como falou o dono do Hotel para a polícia. Ambos riam no ensaio.

— A morte de Luciano fechou o débito das contas.

— Tu não estás entendendo o que quero dizer, respondeu ela com aspereza.

— Diga, então, tudo de uma vez.

— Acho que sou uma gerófila.

— O que é isso, Shau?

— Acho que amo, desde criança, pessoas maduras.

— Você quer dizer que se apaixonou por Luciano.

— Doidamente. Estava com lucianite.

— Tanto assim?

— Naquela noite em que Fernando baleou o Luciano – esta é minha convicção – eu ia me entregar a ele.

— Vai dizer que deixaria mal os filhos e o marido?

— Se tivesse dez deles e tão queridos quanto Artur e Mariana, deixaria mal os dez.

— Deus do céu!

— Loucura total! E não consigo perdoar o Félix por isso.

— Só tem um jeito de aliviar tua dor.

— Como?

— Matando o homem. Te arrumo um medicamento fatal.

— Deixa de brincadeira.

— Faça isso mesmo, se é pra você carregar o Luciano mais vivo que o Felício, faça o que te digo e depois faça o que tua mãe fez. Tenho aí nos fundos um pé de Pitanga de galhos bem mais fortes que os de amoreira dos fundos da tua casa. Tenho até uma corda de pular super resistente. Os filhos, eu levo depois a um psiquiatra e a uma psicóloga. Na clínica do dr. Asdrubal trabalha um psicólogo de primeira linha. Ele cura até gerófilas.

— Estou precisando, sem brincadeira.

Se seguiram dias muito bons. Nada ficou a descoberto. Shau fez sua catarse ajustando em parte os ponteiros do passado. Mais que isso, reconheceu o tiro em Luciano como proteção aos filhos. Muito mais, ela aliviou-se das fixações infantis pela perda de Francisco, seu pai. O rompimento precoce com a figura paterna deixou sentimentos não resolvidos.

Se não bastasse a terapia breve, levei-a até o Centro de Atenção Lar da Menina. Tomei do prontuário e ela leu o que fazem os pedófilos às vítimas. Ao final:

— É, Eli, ele não merecia viver. Mas ainda sonho com ele. É só de ver que coisa é que somos.

— Vou te matar sua desgraçada.

Rimos do mal.

Amém!

Miserere nobis.

## E A MINHA CASA?



Pois bem, minha preocupação com os filhos se reduziam: donos de suas vidas. Me envolvia cada vez mais com o hospital e com a sorte do casal Shau-Felício.

Recebo um telefonema de Felício.

— Escuta, minha artista.

— Sei que anda pensando em ficar mais nos teus aposentos. E o que vai fazer na aposentadoria?

— Enquanto não achar o que fazer, fico matutando.

— Tua filha está fazendo mestrado em história, não está?

— Está.

Pede pra ela me orientar sobre algumas leituras sobre a história dos chimangos e maragatos. Estou pensando em escrever um texto teatral sobre aquela loucura.

Pois bem, assim aconteceu. Me entusiasmei com as leituras, antes de enviá-las para Felício. Uma convulsão começou a mover meu espírito. Percebi uma admoestação nos olhos de Amaro.

— O que é, meu bem?

— Nem se aposentou e já está metida em outra coisa.

Me fiz de desentendida.

Certa manhã, ouço gemidos do Amaro.

— O que foi, bem?

— Nem tão bem.

Abracei-o com ternura. Eu com as revoluções gaúchas e minha casa em chamas.

Me veio uma onda de culpa avassaladora. O que estou fazendo? Estava como se me vestisse de uma roupa qualquer, tudo uma mesmice. Fazia apenas parte de mim sem qualquer encanto. Não era mais uma figura, sim um pano de fundo. Vi o quanto meus gestos diários tinham em Amaro um companheiro menos expressivo que minhas roupas. Cuidava do hospital e da história gaúcha e alguém morria perto de mim.

Fomos ver os resultados dos exames. Meu homem estava inteiro. Pela minha indiferença em relação à sorte amara, estava devendo muito. A comunicação precária, modorrenta. Meu olhar e minhas palavras distantes. Sem reconhecimento a alma se tornava incerta. Éramos seres sem clamores.

Sentia grande reconhecimento em lidar com as doenças e procurava algo por onde ser reconhecida. Meu querido Amaro gemendo para ser notado. Por vários dias acompanhei os trabalhos nas terrinhas de Coxilha. Ele me falava com entusiasmo sobre a primavera nas roças. Os pessegueiros exalavam cores e odores, a terra oferecia seu dorso para novas sementes. Plantinhas mostravam a saúde da terra bem cuidada. Via, nele, um novo entusiasmo. Encantava-se em me dizer dos esforços. Fomos ao hospital para exames de suas costas, motivo de outros gemidos: desgaste na coluna. Meu homem dobrava o tronco. Comecei a ser a cuidadora. É, o amor tem disso: chega um tempo de cuidados. Eu não estava sendo nem amante, nem cuidadora.

Comecei, então, a trazer a vida do hospital para dentro de casa. Ele opinava com sabedoria sobre certos eventos. Descobri haver um pensador dentro de minha casa.

Por esses dias de nossa velhice, comecei a sentir saudades de casa. Intensificavam-se as internações de meu pai. Cada dia mais batia em mim a certeza da morte. Se minha mãe partisse na infância, iria com ela boa parte de minha vida. Agora o fim me vinha como uma brisa a mexer um pé de macega do campo. Envelhecer será isso, estar com sentimentos de pouca intensidade? As tardes esmorecem sem grandes cores e as manhãs de pouca claridade. Nós entardecemos. Estes pensamentos me levaram a rever minha primeira casa. Amaro concordou.

Foi aquela festa. Aliás, ultimamente era o Amarildo o amante de meu lugar. Amava pescar: é fácil ser pescador em açudes cheios

de peixes, brincava ele. Bom mesmo é pescar nos arroios debaixo de árvores com frutos do mato.

O mais interessante de tudo foram as amizades dele. Uma antiga ferraria se fez local de amizades. Destaco a amizade com o velho ferreiro Alois, descendente de alemães russos. Amaro se apaixonou pelas histórias distantes. Gente de caminhos difíceis. Saídos da Alemanha, expulsos pelo socialismo do território do oeste da Rússia, hoje Ucrânia, deram com os costados no Noroeste do Rio Grande do Sul. Alois, de uma fala com sotaque distinto, começou a sofrer muito com problemas de próstata. Pela amizade de meu marido, me envolvi na doença.



# PECADOS NO HOSPITAL



Poucos meses depois de nossa ida para Santo Cristo, Alois veio a Passo Fundo para se tratar com um urologista. Feitos os exames, vieram as custas da intervenção: um valor exorbitante. Mais de vinte mil reais para ajeitar a cirurgia realizada pelo SUS, em Porto Alegre. Na verdade, um grupo de peritos residentes experimentou a arte da cirurgia, deixando a parte dos países baixos em completa destruição. O Estado Islâmico passara por aí. O urologista daqui, ao mostrar os exames de imagem de Alois exclamou: Vejam o que fizeram com o homem! Pobre de mim, depois falou para Amaro, durante a recuperação. Dois crimes num paciente: a cirurgia mal feita em Porto Alegre e o montante cobrado a Alois em Passo Fundo: minhas economias de dez anos, queixava-se ele.

Desde então, Amaro acompanhava a história de sofrimento causado por abusos na Capital e em Passo Fundo. Mal havia passado dois anos, o problema de Alois retornou. O médico, assaltante, negou atendimento, pois ele não mais possuía o recurso exigido. Lá fui eu encontrar um médico. Embora não fosse aqui a circunscrição de atendimento do SUS para o doente, consegui, da sétima coordenadoria de saúde, a autorização para um médico que se dispusesse a reavaliar as ofensas prostáticas. Meu Senhor e meu Deus! Se o sofrimento de Cristo fosse garantia da salvação, sofrendo o que Alois sofreu, nenhum cristão se perderia. O esforço do médico não teve sucesso. Os cortes não aderiram. Começou, então, uma agonia de dois meses. Diariamente Amaro se dirigia ao hospital. Começou o tratamento paliativo. Sabíamos, a morte se aproximava entre dores e breves alívios. Doía no meu marido a imperícia anterior e a impotência do médico atual. A esposa, Paulina, era cheia de agradecimentos pela solidariedade compartilhada. Na manhã de um sábado, entre estertores, Alois se despediu. Após o meio

dia, Paulina telefonou: senhora Eliana, meu marido descansou. Ele foi levado para casa, na Divisa. Ficamos em Passo Fundo: nada mais podia ser feito pelo amigo. Meu pai avisou a comunidade. Entre badaladas fizeram as despedidas.

À noite Amarildo telefonou, ouvindo do sogro as palavras de padre Ataulfo: Deus tenha piedade de nós. Sonhei o que já era recorrente: um peixe devorando Alois. De fato, Cristo tenha piedade de nós.

Pra não esquecer de flores: após a morte de Alois, Mirele mostrou-me a aprovação de sua defesa no mestrado. Mais uma vez me senti atraída sobre o tema da dissertação: *As revoluções gaúchas: revisão de lutas e conquistas*. Pois, não descansaria enquanto não lesse o trabalho e algumas das obras consultadas. Curiosidades de uma velha.

# DO ESTUPOR



A direção do hospital veio ter comigo pra saber o meu ponto de vista sobre as violências às quais havia me referido numa das reuniões dos postos. Ultimamente estava perdendo muito de meu romantismo em torna da enfermagem por ver tanta dificuldade. Havia complicações agravadas pela longevidade, e pelas restrições financeiras. Uma nervosia perpassava nossas ações. Embora dos esforços da direção, a pobreza dos doentes comprometia o cuidado oferecido. As mortes e o excesso de trabalho, para diversas enfermeiras com jornada dupla, ameaçavam a serenidade necessária. O cordeiro pascal pouco podia fazer na agitação hospitalar. O Estado brasileiro extraviado em roubos e lutas particulares andava mal, refletindo-se no cumprimento de suas responsabilidades financeiras em torno de pagamentos hospitalares, sem falar nas custas defasadas do SUS. Ainda batiam em mim conversas de diversas enfermeiras. Comungava diariamente da mesma causa: fragilidade em tantos pacientes com multimorbidades. As reinternações se sucediam. O acompanhamento familiar devia para a dignidade de grande parte dos idosos.

Segunda feira pela manhã, encontrei a chefe de outro posto, Sofia:

— Eli, Eli, estamos abandonadas!

— Não seja tão pessimista. Sei que, dia a dia, estamos com novas dificuldades. Por enquanto, encaramos bem. Se não fosse a direção honesta e a fundação vicentina, aí, sim, poderíamos dizer: estamos perdidas.

— Até quando, Eli? Veja a história de um ratinho: acostumou-se, aos poucos, com a água a cada dia mais aquecida. Todos se perguntavam: o ratinho morreu de quê? Faz pouco, entrei no hospital.

Vi acompanhantes de doentes aí na entrada. Falei com duas senhoras. Me pediam, humildes, se hospital não ofereceria um prato de comida. As duas, fazia dias, passavam fome. Outras duas me perguntaram se não sabia de um lugar onde poderiam passar a noite. Os recursos não davam para um hotel. E o que é aquilo em nossos corredores? Quantos destes acompanhantes estão na mesma situação?

— Compreendo tua dor, Sofia. Muitos hospitalizados do SUS buscam o nosso hospital pela morbidade ou por que confiam na infraestrutura. Sofrem pelos seus, acreditando na competência de nossa casa.

— É mesmo! E a demanda que se avoluma dia a dia. Depois não sabemos o nível de tensão entre nós...

— Algumas colegas ficam à deriva, então sonham com residentes ou algum médico. Pela proximidade das relações buscam um casamento conveniente. Conheço algumas interessadas na enfermagem com propósito casamenteiro. Lembra o escândalo que foi o cirurgião ficar namorando entre beijos depois da cirurgia. A paciente questionou se isso fazia parte da cura.

— E a separação do Dr. Edmundo. Falei com a ex dele. O trabalho dele é excelente não somente com as mãos.

— Como sabe, Sofia?

— Falo com conhecimento de causa, Eli.

— O que?

— Preciso desabafar. Achei sincera a inclinação dele por mim. Ledo engano. Me estrepei. Estou com ódio e devo me calar.

— Puxa vida, Sofia, você vive com um homem bom e agora?

— Não me incrimine mais. Estou péssima. Acho que sou meio ninfeta.

— Meus deuses! Vai ser difícil pra você ficar aqui.

— Comecei um tratamento com o psiquiatra Antunes. Estou mais moderada. Mudemos de assunto. O que dizer então de tantas mulheres e homens trazendo suas demências para dentro do hospital?

— Por falar em demência, os casos se somam de causar espanto. Fico constrangida de me ver na obrigação de amarrar pacientes por causa desse mal. Avolumam-se os casos de doentes psiquiátricos.

— Vejo mais, isso é frequente, de os médicos passarem ligeiros nesses quartos. Os pacientes gostariam da palavra deles. A presença

das enfermeiras não é suficiente. Nós somos de pouca expressão para a maioria deles. Existe o imaginário salvador na figura do doutor. Mas o ambiente, os trabalhos e o conjunto de sofrimentos, somados, espantam os médicos. Nós somos os ratos e eles são os gatos. Somos pouco reconhecidos na cura. Somos iguais a empregadas, as donas da casa são eles. O nosso poder é pouco.

— Já que estamos nessa, Sofia, e a queixa é tom de nossa conversa, o que dizer quando a morte é coletiva? Me causa espanto um doente assistir a morte do vizinho ao lado. Ninguém merece assistir a morte de quem não tem nada a ver. Me parece acontecer, então, nessas enfermarias coletivas, a piora mental de quem chega. Um pavor silenciado assiste a muitos, levando a uma fuga de consciência. Lembra do Alois, nosso amigo. O que foi aquilo de morrer entre outros doentes. Ninguém é obrigado a assistir uma agonia, menos ainda um velório. A gente cura a doença física e alguns saem de mente perturbada. Isso acontece muito entre aqueles de velhice adiantada. Conseguimos estender a vida, por outro lado, pagamos o preço. No final, pagamos o preço pela velhice fragilizada.

— Veja só no que estou reparando, Eli. Vejo tantas colegas em jornadas dobradas. Os gastos familiares levam a trabalhos em dois hospitais. Isso não é gratuito. O peso faz dobrar as costas. Ouvi a queixa de uma professora da Universidade. Dizia ter uma aluna de duas jornadas. Dorme em aula. Pode haver maior sofrimento do que alguém não controlar o sono?

— Desconfio que as mais doentes somos nós, carregando o piano sem direito ao concerto. Parece, às vezes, um quadro dantesco. E tudo parece tão normal.

— O que você falou, Eli?

— Um tal de Dante, um poeta italiano, conta sua viagem ao inferno. Se ele conhecesse nossa realidade, acho que não careceria de ir tão longe.

— Pois vou te contar mais, precisei ir ao pronto socorro. Tive uma emergência com meu piá. O que é aquela multidão, de noite, buscando ajuda? Vi uma mulher de olhos queimados com um produto. A médica de plantão sumira. Socorri eu. Meu saber é de pouco prestígio, mas sei o quanto vale.

— É preciso dividir melhor as ameaças de morte. A toda hora temos que nos desvestir da amizade daqueles que vão embora. Que te parece, Eli?

— Ao falar nisso, nós da enfermagem não saímos ilesos diante da morte. Somos marcados pela morte e o morrer. Os médicos não acompanham quem vai morrer, bem diferente nos acontece. Nem falo diante de circunstâncias nas quais devemos escolher a quem oferecer o melhor aparelho.

— Sabe, Eli, ouvi dia desses o nosso colega Betinelli falar: Nos faz mal lidar com pacientes difíceis, queixosos, rebeldes, agressivos, hostis, reivindicadores, autodestrutivos, cronicamente deprimidos. Parece, apenas parece, que os estertores finais não nos marcam. É isso o que ele diz: na relação com pessoas com câncer, o profissional vê-se invadido por sentimentos ambivalentes, uma vez que a formação profissional visa a cura. Muitos casos não possuem mais solução. Sem a perspectiva do curar, o que é muito frequente em oncologia, restamos a difícil tarefa de cuidar. Mas, contrariado em suas expectativas, o enfermeiro recorre ao pensamento mágico em busca de soluções impossíveis, levando-o a uma atividade frenética e até irracional.

— Sabe o que mais? Me causa muita dor ver mulheres e homens humilhados pelo uso de fraldas. Muitos choram pela sorte da fragilidade diante dos outros. Ficam, pela perda da autonomia, sem saber quem são. Pode haver coisa pior que olhar os doentes terminais, mantidos artificialmente por longos períodos? O medo dos médicos está em serem denunciados. Tratam como se houvesse possibilidade de tratamento diante da morte inevitável. Gastos exorbitantes são feitos com dores prolongadas. Bem que bastariam apenas cuidados paliativos. Sou a favor de Paulo II. Me deixem morrer em paz.

— Tem razão, Sofia. Parece que hospitalizam a morte. Transferem para nós o fim. Por que não dão a mão da família para se despedir? Em vez de humanizar os últimos momentos, mercantilizam o cuidado. E nós na frente de tudo. Fico a dever muito de conhecimento humano e técnico, mas também me sinto capaz. Vejo cada coisa sobre minha cabeça. Tudo se precipita de forma pesada. O último recurso somos nós. Não somos a indicar melhores pinças, adesivos, próteses pra receber o nosso percentual. Nem somos nós a receber viagens de atualização.

— Vamos parar por aqui que me pesam estas palavras.

— Está bem, mas tenho mais pra falar.

— Vamos rir. Os médicos são os padres e nós as freirinhas da paróquia.

# PARA DESCANSAR



Dei-me uma pausa. Pedi urgência ao Amarildo.

— Querido, quero ver meu pai e minha mãe.

— De novo! Está carente?

— E muito. Quero colo. Preciso descansar.

— Marido é pau pra toda obra. Sou meio bronco, mas não insensível.

— É o melhor homem que já pisou aqui em casa. E me abracei, solta.

— Existe outro?

— Você sabe de meu amor por você. Basta.

— Não sabia que o hospital tão conceituado pudesse fazer sofrer minha mulher.

— Sei que o hospital é bom. Tem uma orientação médica e administrativa de excelente qualidade. Enquanto hospitais quebram o nosso mostra uma saúde invejável. Cada dia recebemos médicos, os mais atualizados. Fazemos milagres com novas técnicas cirúrgicas. E isso se constitui numa faca de dois fios. Enquanto salvamos, precipitamos transtornos mentais e dependências prolongadas. A fragilidade se acentua e pagamos um preço. Me impressiona a velhice. Conquistamos um tempo que tarda e sabe quem paga? São as cuidadoras em suas casas, e, por fim, as enfermeiras quando a morte se aproxima. Somos nós a carregar os últimos estertores.

— .....

— Perdão meu bem, não temos as forças necessárias.

— Não peça perdão. Suportar a dor dos outros tem preço. Quem sabe seja tempo de te aposentar. O salvador é Jesus. Se ele mal consegue salvar, quem é você pra se achar onipotente?

— Além de colono quase perfeito, é filósofo.

— O campo ensina e muito. Cada dia me sinto mais frágil em meus conhecimentos e apelo pra pensarem por mim. Pra que existem as empresas especializadas? É uma forma de repartir o benefício da terra. Acho que você está carregando um peso indevido. Se o tempo é difícil, deixe o tempo carregar a parte dele.

— Afinal, vamos ou não vamos para Santo Cristo?

Setembro na estrada. Me dei conta da beleza exuberante das árvores, ainda que poucas. Diferente das árvores da Europa. Amaro apontou para a variedade e beleza dos restos de matas, vistas no caminho de Santo Cristo. Assim íamos, devorando a poética do espaço.

Ao chegar em casa, me comovi. Nunca vira o estonteante verde ao redor. As pereiras, ameixeiras, pessegueiros, pitangueiras, as limeiras em flor, o cedro imponente, macieiras, as nogueiras, as vozes dos pássaros em cantoria! Um festival! Ao meio da paisagem surgiram meu pai e minha mãe: bem mais velhos do que as figuras lembradas. Abracei. Chorei em compaixão pela velhice precipitada.

Juro pelo sagrado: no silêncio breve havia a eternidade. O chimarrão passava. As notícias familiares corriam. Tudinha veio com os adolescentes: Marta e Gerônimo. Ela, a cara de Noélia. Nele, sinais de papai.

— Minha Nossa, apontei pra Marta, é escrita a cara da tia.

— Espero que não repita o caminho dela, falou mamãe.

— E o que posso dizer? Mirele tem os mesmos traços.

— Que coisa! Que ao menos tenham um espírito menos agitado, desejou Tudinha.

Lembrei Shauana. Falávamos superficialidades de minha prima, enquanto divagava: ainda teria ela os arroubos de amores tardios? A natureza possui exigências inflamadas, como efeitos da irracionalidade. Assim andava em meu fluxo de pensamento, quando ouço:

— Vocês vieram só pra conversar? Que tal uma pescaria antes da noite?

Mais que pescaria, papai desejava conversar comigo. Para tanto minha mãe pediu ao Amaro separar do freezer a carne para o churrasco.

— Está bem, estão me escanteando. Então sogro, me alcance aquela canha que matou o guarda.

Mal tomamos o caminho dos açudes, papai tomou meu pensamento.

— Nunca esqueci aquele peixe.

— Nem eu. Costumo sonhar com ele. É sonhar com peixe que é morte na certa.

— Meu peito dói em certos dias.

— Quando estou com dificuldade lá vem ele. Vejo-o me olhando, olhando. É o mistério de Deus em sonhos.

— Deixemos as lembranças em paz.

Lançamos as linhas.

— Filha! Te vejo tensa. O que há?

— Meu trabalho está pesado. Vejo as pessoas envelhecendo doentes e cada vez mais carentes.

— Imagino, filha, lidar com a dor dá nisso. Quando pequena você invocava o cordeiro que tira os pecados do mundo. Mas, o que pesa tanto nesse bendito hospital?

— Somos parte do cordeiro. Não me queixo do sofrimento. Faz parte de minha vocação. Não lamento o hospital. O que me dói são as exigências que muitas vezes, excedem às nossas forças. Temos um bom hospital, mas ele também está sobrecarregado.

Contei a meu pai o que já referi nas conversas com Sofia.

— Meu deus, filha isso pesa muito.

— Tem mais, pai. Causa mal estar certos abusos financeiros. Para alguns médicos 10 mil reais é pouco, mas para o paciente é uma extorsão. Os valores exorbitantes excedem as possibilidades do doente. Não faço causa disso porque não podemos generalizar. Prefiro calar. O certo é que nosso hospital é causador de muita alegria quando, quase em todos os casos, devolvemos os doentes às suas casas. Vejo procedimentos médicos de meia hora, por exemplo: um parto cesário valendo em torno de oito mil reais. Pra que tudo isso?

E o que dizer da morte no hospital? Ela parece ser ofício hospitalar, em vez da casa do doente, ser o lugar para as despedidas. É hora da ternura e não da enfermagem.

— Olha a tua linha puxando, filha. Não dá para se distrair.

— Perdi esse peixe.

Já temos o suficiente para hoje.

# MUDANÇA DE HÁBITOS



O que fazer na aposentadoria? Comecei a pensar sobre ações interessantes. Se bem olhar para Jesus, a salvação acontece a partir da comunicação. Para tanto, pensei levar adiante alguma atividade menos exigente na área da saúde. Mas de nós, mais sabe a vida. Assim foi.

As histórias sempre me comoveram. Nelas a alma se traduz de formas surpreendentes. Duas semanas depois de minha aposentadoria, comecei a não me sentir bem em meus aposentos. Tudo em mim reclamava maior intensidade de propósitos, ações e, principalmente, comunicação. Leonardo e Mirele se ocupavam com suas tarefas. Leonardo dando força ao pai e Mirele professora de história e jornalista. Perambulavam longe de minha calma. Bom mesmo foi ela me contar sobre a história dramática da política do Rio Grande do Sul.

Quando me dei conta, ferviam em mim as lutas sangrentas e as covardias do campo, defendendo mais os animais dos estancieiros que os trabalhadores. E o interesse criado em mim é do tempo de aula: aqui no Rio Grande, explicava o professor Rogério, a morte andou de porta em porta, pior que a morte dos egípcios antes da saída do povo de Israel.

Comecei a me inteirar da história gaúcha de maneira intensa e, sem muita dúvida, acreditei existirem pecados sobre pecados. Dois interesses começaram a mover minhas incursões na história. Por costume profissional, a par dos pecados me animavam as iniciativas das possíveis curas. Desde o início de minha formação sempre tive em consideração o alívio da dor, a longevidade e, com ela, a vida cada vez mais frágil. Assim aprendi a pensar sobre o viver. Como pode haver melhor sorte? Me impressiona como, entre os azares, perpassam iniciativas generosas e, muitas delas, marcadas de perversidades. Vi o

estado e o município atacado por fortes vilanias, mas comecei, entre pecados, a ver remanescentes obras de grandeza.

Mais que a preocupação em compreender os pecados políticos e as saídas para o bem, a minha filha começou a ser minha companheira na velhice me ajudando a entender os caminhos bárbaros em diversos momentos.

Em princípio, achei pretensão demasiada querer entender os maiores pecados nacionais. Não haveria cordeiros suficientes para salvar. A cruz seria pouca pra salvar minha pátria. Pensei, então de apenas espiar os pecados de Passo Fundo e do Rio Grande.

A minha filha, por diversas vezes, questionou sobre a razão em conhecer Passo Fundo e o Rio Grande. Apenas respondi: terei melhor a minha identidade. Não quero morrer sem saber quem sou. Ela calava, pouco convencida. Tentava reafirmar meu propósito: filha, tua identidade profissional tem a ver com este estudo, a minha é apenas existencial. Cada uma na sua.

Meu interesse residia a que ela, além de pensar no interesse acadêmico, pudesse estender a ternura e a compaixão em torno do corpo místico do Rio Grande. Saberria melhor de si mesma.

Depois de muito diálogo e, às vezes, tensos, chegamos a reproduzir os pecados e as virtudes gaúchas, traduzidas em Passo Fundo e no Rio Grande do Sul. Agora não mais me envolveria pessoalmente nos pecados praticados por Chauana e o Felício. Não mais me envolveria com hospital. *Pero, se acaso, vengan con charlas buenas... buenas, entonces, no hai como no aclarar!*

Me precavia em meu entusiasmo. Não poderia deixar meu homem sem nossas intensas conversas. Pouca coisa é pior que dois velhos calados dentro de casa.

# PARA INTRODUZIR: OS DESPÓTICOS PECADOS



Por primeiro comecei a me perguntar:

Qual dos pecados foi o maior nos eventos daqui? Seria o acabamento da vila de Passo Fundo, nem bem nascera em 1835? Nem raízes havia e já se mandavam os habitantes campo afora para salvar o couro e os filhos. Ou seria a matança, entre os chimangos do republicano Gervásio Lucas Annes contra os maragatos de Prestes Guimarães em 1894? Mas as mortes que viriam a pé ou a cavalo obedeciam a chefes maiores. Mais uma vez abortavam-se os filhos. Melhor correr que morrer.

Ou pior ainda: não seria desconsideração de Júlio de Castilhos e de Abbot ao ouvirem Gervásio Lucas Annes? “Fui ao Palácio no dia 2 de outubro de 1891 e lá conversando com Julio e João Abott, signifiquei-lhes as minhas justas apreensões, que subiu de porte a minha admiração quando notei que ambos ligaram diminuta ou nenhuma importância às justas observações que eu fazia, com a mais sincera intenção. O Abott chegou a dizer que nós “sempre andávamos mendigando coisinhas para a toca”. Declarei-lhes, com energia, que o único interesse que me guiava neste negócio era a conveniência partidária; que os municípios não podiam viver e que, em consequência de tal desastre, a nossa queda era inevitável. O Julio limitou-se a dizer-me se Passo Fundo não podia viver era porque era pobre. Eu lhe repliquei: “e, no entanto, é um dos mais ricos da região serrana, avalie os outros.”<sup>1</sup> Como escreve bem, o senhor Gervásio!

Vê se é possível? Um homem que se dedicava de corpo e alma à causa republicana ouvir tal aviltamento? Mais tarde, em 1894, Gervásio tem o corpo rasgado por balas, sobrevivendo em sofrimento.

---

<sup>1</sup> ANNES, Alceu Oliveira. *Genealogia Lucas Annes*. 2012, p. 192

Imagino a dor de Gervásio ao suportar outras recalcitrâncias daquelas autoridades! Na data dessa visita, ele passou um dia atrás do salário de uma professora. A mendicância educacional parece endógena.

Mostrei para Mirele o início de minha incursão pecadora. Falei-lhe em penetrar pelos pecados de Passo Fundo e do Rio Grande do Sul.

A nossa cidade, entrou num buraco fundo em 1894. Se nascemos entre fezes e urina, diz a história de Santo Agostinho, por aqueles dias morremos entre sangue e vergonha. O campo e a cidade, arrasados!

Por ler o relato de Gervásio, imagino, então, a arrogância e a onipotência sobre os discordantes das opiniões de Júlio.

Ao concluir esse ensaio, encaminhei para Felício a incursão literária.

A narrativa ficará menos pesada se os fatos forem postos em forma de diálogo, sugeriu.

Aceitei, pelo menos em parte. Veio a opinião da minha filha.

— Mãe, me deixa ajudar. Por que não fazer um teatro destes pecados, a exemplo de Bertold Brecht?

— É um teatro de horrores. Contrariando o pensamento cristão poderia se dizer deles: a felicidade se estende aos outros, no infinito, seja por faca, fãção ou bala.

— Bem que dizia o Gervásio Annes sobre a maneira perversa de Júlio conduzir o Estado:

*“Nada mais se pretende do que reviver o feudalismo: o Estado dominando o município através de uma tirânica e ignominiosa autoridade, despótica e absoluta. É uma pretensão absurda e perigosa.”*<sup>2</sup>  
Escreveu Gervásio mesmo sendo correligionário.

— Tem mais, mamãe. A Constituição de Rio Grande do Sul foi concebida e decretada segundo a opinião de Júlio de Castilhos, seu autor. Estas palavras foram ditas por seu cunhado, compadre e correligionário, Assis Brasil, no dia em que não suportou mais a empáfia do homem. A prepotência se demonstra por diversos parágrafos, com evidente conteúdo autoritário. Este jeito despótico de ser custou a vida

---

<sup>2</sup> Idem, ibidem.

de mais de vinte mil gaúchos. Em nome da ciência sacrificou inocentes a exemplo de Hitler na Alemanha. Assim dá pra entender a guerra civil. O despotismo de Júlio levou o rancor a todos aqueles que discordavam de seu republicanismo real, exacerbado. Esse mesmo Assis Brasil aparecerá em em 1923, reivindicando maior democracia. Assim se fará.

— Veja, filha, este pecado. Mortes e violências já se expandiam bem antes de 1893. Uma obediência cega predominava sobre todos. A virtude do cuidado andava longe das palavras e dos atos. A transição da monarquia para o presidencialismo se fez de orgulhos e onipotências.

### **Coro 1**

*Sempre foi desse jeito e não diferente no Brasil: a caserna não perdoava, não se fazia política, se faziam ordens sem moderação, tanto por Deodoro como por Floriano. Aqui a onipotência republicana não era menor. Júlio apoderou-se de todo poder de ordem policial e política, desenvolveu a cultura do ódio, distribuindo rancores intransponíveis em todo o estado. Com o apoio central e as forças do exército do Estado, a resistência não prosperaria. O resultado seria o mesmo de 1835: mortes de gente humilde por todos os lados. O dinheiro dos impostos servia para matar o contribuinte.*



# VISITA DA VELHA SHAUANA



## Coro 2

*Basta, por enquanto, de lutas e desesperos. A campainha te chama dona Eliana.*

*Ao parar a atividade de escrever a história gaúcha, sente frustração, semelhante ao momento em que alguém suspende uma atividade erótica. A inspiração fluía frouxa. Todo o desconforto da interrupção foi superado a seguir. O prazer e o sofrimento atraem curiosos.*

*Era Shauana.*

*Ela ainda presa às preocupações com Luciano. A paixão é perversa. Nela se fez o que aconteceu a Ulisses. O ódio não perdoa. O desejo de Shau era acabar com o próprio marido por ter acabado com o velho Luciano, uma paixão devoradora igual a de Ulisses flexando um a um os pretendentes de Penélope. É mau o coração que não perdoa.*

— Por mais que ele tenha perdido a razão por causa da doença de Alzheimer, Felício não abre a boca pra dizer alguma coisa sobre o tiro em Luciano. Gostaria muito de saber do ferimento no falecido Luciano. Tenho certeza que você sabe, Eli. Me diga a verdade toda. Talvez possa amenizar minha raiva se souber o que aconteceu. Minha imaginação fica tramando dia e noite coisas ruins a Félix, mesmo doente. Mesmo demente não abre a boca para mim. Lembra quando você pediu pra sairmos do quarto do hospital? Você ficou sozinha com ele? Ele te confessou o crime?

— Confessou que não foi ele. Tenha certeza, de uma vez por todas. Se tivesse sido ele, você devia estar agradecida. Se fosse ele o atirador, seria pra acabar com tuas loucuras. Que coisa, hein Shauana?

Você sempre de armas em fogo! Não perde o jeito. Parece raposa preferindo galos velhos. Tenha vergonha, mulher!

— Que fazer se Deus me fez assim?

— Vai dizer que, depois de velha, continua a mesma?

— Ainda bem que o Felício não percebe nada. O dr. Alzheimer já me ajudou. Não é que ele viu um amigo dentro do quarto! Amigo é modo de dizer... Não ligou tico com teco. Acho que mereço meus apelos uma vez que ele não é mais o mesmo. Pago duas cuidadoras pra ficar pela manhã e outra noite adentro. Não sou mais amante nem cuidadora. Não consigo perdoar

— É preciso um Lava-jato moral pra te prender.

— Deixa prá lá. Sabe que tenho saudades do Luciano.

— Morreu arrependido. Criou vergonha!

— Muito fácil pedir paz quando as armas não atiram mais.

— E teus filhos, velha safada?

— Bem melhores que eu. Uns santos. Acho que gastei todo o sexo da família.

— Uma gerófila inveterada!

— Como você certo dia me telefonou: é tanto pecado a ponto de Cristo se atrapalhar como a polícia federal no Brasil. É tanto ladrão! Não sabem a quem prender. Os meus pecados são veniais. Coisa pouca. A doença pegou Félix antes de minha vingança.

— Não sei se é crítica ou ciúmes, mas, que coisa é essa de você andar sempre de bandeira desfraldada? Você carrega uma semente muito ruim.

— Não queira isso pra você. Disse meu terapeuta de Sorriso: é muita tentação, vivo inquieta. Cantei até meu psiquiatra. Por detalhes não caiu na minha. Mudando de bolsa pra saco. Quero saber o que está aprontando, Eli?

— Coisa de intelectual. To descobrindo o Rio Grande.

— Como?

— Eu e a Mirele estamos pondo os olhos nos pecados do Rio Grande.

— Nem imagino a portuguesada comendo todas as índias das missões.

— Bem que você merecia ser uma delas! Uns desgraçados, Shau! Trouxeram tudo que é doença pra cima delas. Mataram os índios, deixando as famílias aos pedaços. Que raça humana! Estou vendo a cara do Rio Grande sem tirar nem por.

— Os índios do Mato-Grosso estão sumindo também.

— Mudando de conversa. E você largou de ser dentista?

— Cansei das bocas.

— E agora?

— Vim ver as últimas de minha mãe.

— A tia como vai? Faz mais de mês sem vê-la.

— Está ainda ligada no Teodósio. Encontrou um santo cuidador.

— O que você pretende agora?

— Pretensão nenhuma. Vim pra cá pra colher alguma novidade. Mas essa de coletar histórias dos gaúchos não é minha praia. Não há como te ajudar. Se na pesquisa encontrar um gaúcho bem fortão me avise.

— Vou te mandar um lanceiro negro.

— Nem peço tanto.

— Já que me enrolou sobre Felício, vou visitar nossa amiga Débora. Lembra dela?

— Se lembro. Não tive mais notícias dela, Shau. Da última vez que a encontrei, falou que ia morar na Espanha. Num dos passeios, encontrou um cara da Catalunha.

— Que bicho é esse.

— Um catalão complicado. Desses que agora querem independência. Me disse que ama o jeito dele. Meio tosco, mas o amor, disse ela, é um pássaro doido.

— Acho que é mesmo.

— Mas me fale mais, Shau. Se, acaso, fosse Felício o atirador. O que faria?

— Deixaria que matasse.

— Bem, vou indo. Vou tomar chimarrão com mamãe. A prosa contigo não me satisfaz. Sabe muito e diz pouco.

— Te levo, sua louca. Assim vou dar um abraço nela também.

— Depois me conta de teus gaúchos brigões.

— Estou vendo: mais mortos que vivos!

— Esquece! Fico com os vivos de Mato Grosso.

# PASSO FUNDO, LUGAR DOS MORTOS



## Coro 1

*Nem bem saíra Shauana continuou a conversa da mãe e da filha. Agora a prosa se deu num outro tom e de outra natureza.*

— Filha, minha filha, aqui vem em aberto a precariedade humana. Manhã fria com sol, era 18 de junho de 1892. Vinha Chicuta com sua filha. Atravessara os campos gelados da pequena cidade de Passo Fundo. Visitara parentes do campo onde, hoje, se localiza são Cristóvão. Nesta manhã fria, caiu nas mãos dos maragatos a notícia: Júlio de Castilhos derrubara o Governicho no dia anterior, onde se sucediam chefes indicados por Deodoro da Fonseca. Os maragatos, guerreiros, mortais inimigos de Júlio de Castilhos, receberam inconformados, o telegrama: o poder está nas mãos dos republicanos! Pois bem! O maior inimigo dos maragatos, em vulto de ódios, era Júlio de Castilhos. Jamais considerou a possibilidade de qualquer diálogo com Silveira Martins, o federalista, chefe dos maragatos. Menos ainda quis saber de conversa com o centro católico, com o partido liberal ou fossem do partido conservador. O dia tornou-se tenso. Júlio no poder, jamais! A notícia insuflou ódio imediato. Como Chicuta, era líder Republicano, descarregaram sua raiva sobre ele.

— Cena horrível, mamãe: Não pouparam Chicuta, nem mesmo acompanhado da filha. Lá pela praça central, onde, hoje, se localiza a catedral, atacaram com espadas o inimigo. Defendeu-se com o cabo do relho e conseguiu fugir até onde fica, hoje, o Instituto Educacional, próximo de sua casa. Um soldado maragato, em posição de tiro, mirou a testa. Morria o Francisco Marques Xavier, o coronel Chicuta.

## Coro I

*De que adianta ser herói de guerra, de que adianta ser guerreiro em meio a ódios entre irmãos. De onde menos se espera, as balas vem. Caiu em frente à sua casa nova. O Chicuta não morreu no Paraguai. Morreu em casa nova, apenas construída.*

*Rescendiam as novas tábuas da casa de Chicuta. As janelas ainda não mostraram vistas às planícies longas. Sobrou saudades feitas de sangue e ódio nas massas contrárias. De um lado de Passo Fundo, famílias influenciadas por parentes e amigos de Chicuta e, de outro parte, os inconformados do déspota Júlio de Castilhos. Morte e mais mortes.*

## Coro II

*Desta afronta mortal rebentaram violências reais e imaginárias. Nada prospera em montarias e cavalos assanhados. Acentuou-se o pecado original. Nem o Cordeiro nos livra do pecado tão profundo. Chamem os tambores para soarem compassivos, jamais para celebrar.*

*Malditas dissensões ferinas e intestinas nascidas do egocêntrico poder castilhista. Infelizes guerreiros convocados pra matar irmãos. Chefetes lavrando com sangue alheio ideias temporárias. Pobres figuras de lanceiros, cavaleiros de gado e de charqueadas, tendo fé na palavra insana. Jorra o sangue estúpido pelo campo. Gargantas silenciadas!*

*Ó infeliz culpa de todos quantos não sabem falar.*

*Gagos homens, mentes gagas.*

*Não conseguem dizer um melhor Estado.*

*Preferem o sangue jorrar das gargantas*

*A inventar diálogos e consensos.*

— Que geração foi aquela, minha mãe? De todo o jeito que se olhar um campo em morte: nem gado, nem comprador, nem vendedor. Um trapo de lugar, roto em tudo, difícil de consertar. Afinal veio a notícia: Júlio andava de mãos dadas com Floriano, também pouco afeito à generosidade. A morte em casa é persistente. Entre as mortes

mais duras foi a de Pulador, a maior. Outras mais havia como a de Umbu, a segunda na escala das vergonhas de Passo Fundo. Depois outras menores não menos brutais porque a forma da morte em cada uma delas era de meter nojo a qualquer ser humano.

— Pouca é nossa palavra, Mirele, pra dizer um pouco mais desta maldita humilhação aos escravos da guerra. Talvez até se possa dizer que nas cercanias de Passo Fundo o melhor é o silêncio e não celebração. Pois bem, a autoridade louca de Júlio com Deodoro e Floriano fez do Rio Grande um lugar de violências. Passo Fundo não ficou de fora destas loucuras. Os líderes daqui, menos severos depois de 1895, não fugiam à regra. Embora as mortes fossem, na maioria, de viventes vindos de outras bandas, em Passo Fundo sobreram poucas almas por aqueles dias de junho de 1894. Ou se entregaram às forças contrárias de maragatos e chimangos ou, como bem fizeram alguns: quem mais queria viver se mandou para o interior das matas, para os lugares do alto Uruguai.

A cidade se tornou vazia, fúnebre. Passo Fundo se tornou passagem de irmãos fraticidas.

### **Coro I**

*Aguardem só um momento aqueles de alma boa  
Estiquem a bondade pra suportar a desgraça  
A cair sobre este lugar, os vivos recebendo a morte.  
Maldigam todo aquele que promover a guerra,  
Salvem, dos cães selvagens, a grei de pastores famintos.  
Agora vão morrer entre valinhos de sangue.  
Passo Fundo, Passo Fundo de águas turvas, tristes rumores  
Segredam nos ares uma peste faminta:  
A sina humana de obedecer heróis malditos.  
Por maior que seja o sulco, as lágrimas serão tantas!*

— Veja aqui, filha, o que diz Ângelo Dourado falando da revolução em Passo Fundo. Está no livro *Voluntários do Martírio*. O autor acompanhava os companheiros em 15 de outubro de 1893: Perto do Rio Ligeiro, que limitava Lagoa Vermelha e Passo Fundo, os

maragatos foram alcançados por um soldado dessas tropas. Anuncia-se então a presença do passo-fundense Prestes Guimarães, recebendo alimento e água das mãos de uma índia.

— Veja mais, mamãe! Angelo Dourado, o médico da maldita excursão conta que a crueldade na região serrana foi tanta que a simples narração dos fatos causa repugnância. Em Cruz Alta, no Rincão do Cadeado, havia cento e oito viúvas de maragatos degolados e, no Rincão da Cruz, contavam-se, pelos nomes, oitenta e seis vítimas da degola. E que esses números poderiam ser maiores. O município-mãe de Passo Fundo era governado pelo caudilho José Gabriel da Silva Lima, que dizia jamais ter pensado que a carne humana fosse tão boa para engordar cães e porcos. Os federalistas ou seus simpatizantes eram presos à noite e, depois, pela manhã, retirados em grupos para serem executados.

— Assim, filha, de ódio em ódio. De ano em ano tudo piorou.

Eram frios de inverno de 94!

Eram frios de inverno de 94!

Eram frios de inverno de 94!

Um amigo do falecido Chicuta, veio de terra distante conhecer a cidade de Passo Fundo. Olhou compassivamente os maragatos em trilhas de cavalos cansados e de montarias em trapos. Pobre gente de cabeça erguida com a bandeira maragata. Iam para Pulador. O homem derramou uma lágrima por saber da morte a esperá-los. Sabia do número dos pica-paus das boinas em cor de sangue a ser derramado. Vinham os pobres paranaenses sem causa grave, os catarinas com raiva de Floriano e os gaúchos federalistas entregues a uma causa perdida. Passo Fundo não merecia ver a imagem doída na rua do comércio, hoje avenida Brasil, sem mais um biscoito pra matar a fome.

— Mamãe, Deixe-me explicar mais, que tamanha dor merece ser aclarada!

Fevereiro de 1893, os federalistas, liderados por Gaspar Silveira Martins, reuniram um exército. Pegaram em armas para derrubar o governo de Júlio de Castilhos. Floriano Peixoto, presidente do Brasil, se colocou ao lado do governo gaúcho. Só pra saber: contam que Deodoro odiava Gaspar Silveira Martins por causa de amores de uma mesma mulher do Rio Grande do Sul. A senhora dos contendores preferiu Gaspar.

Por isso ele perdeu qualquer prestígio e apoio de Deodoro. Quando o presidente foi deposto e o general Floriano assumiu, Júlio nesse transe apoiou Deodoro. Floriano não gostou. Júlio afirmou: escuta, Floriano, o Gasparzinho quer ser um novo monarca. Gaspar, então, levou a pior. E a luta continuou. O déspota Júlio não aceitou qualquer conversa com Gaspar. Disse à plenos pulmões e por escrito: **não poupem os homens, que sofram penitência.** E aí veio a irracionalidade, a barbárie. Terra arrasada por onde andavam.

*Entra, então*

### **O primeiro explicador**

*— O ódio dos maragatos uruguaios não era de menor expressão: os estancieiros, negociantes e exportadores de produtos de toda ordem foi taxado por Júlio, reduzindo a economia fácil dos donos do campo, vinda do Uruguai. E se vieram também os uruguaios contra Júlio.*

*Os gaúchos revolucionários não andavam de poucas armas. Em 1893 se juntaram com os Maragatos soldados do levante da Armada de Santa Catarina mais outros revolucionários do Paraná.*

### **O segundo explicador mais Mirele e a mãe**

*Vieram os federalistas para matar e morrer, marchando com cavalaria e infantaria até Passo Fundo. Muitos combates foram realizados antes de acontecer a carnificina de Pulador. Aí se reuniram em 26 de junho de 1894 em torno de 4.600 homens para uma matança em nome de poderes que jamais lhes pertenceriam. Contam pouco mais de mil mortos. Por certo chegaram em torno de 2.000 os mortos em Passo Fundo, a contar pelas mortes de outras batalhas, principalmente a de Coxilha de Umbu, encostada em Passo Fundo, onde 200 republicanos morreram para agradar a chefes sem piedade. Muitos contados como mortos foram os feridos. Mal dava o alimento para os inteiros, que se fossem os moribundos, quase falecidos. Nessa brutalidade de 16 de janeiro de 1824, a força republicana do Coronel Lima e Silva e a de Gervásio vinham distraídas e a morte rolou canhada abaixo.*

## **Coro I e II**

*Bárbaros a medir forças. Ingênuos os mortais, trabalhadores de ovelhas e gados, saladeros humildes, feitos para a obediência espúria. Finda a batalha, restos dessa algarada se retiraram, parecendo haver aqui um propósito de matança, nada mais. Os valinhos de água parada se misturavam ao sangue de ódios. Os federalistas contam como vitória, apenas por serem os últimos a sair.*

*Nada de vivo se mexia.*

### **O primeiro explicador:**

*O líder Gervásio Lucas Annes escapara por detalhes naquela coxilha. Diz o trisneto Alceu que assim foi porque protegido por filhos bastardos. Velho e aceitável costume, desculpava-se o parente lembrando o herói familiar.*

*Os armazéns saqueados, as casas vazias, corpos putrefatos, na cidade em desalinho. Vergonha o que fora feito. Aí chegavam os combatentes, desistentes. Para muitos a casa profanada era aqui. Tanto de um lado como de outro, inimigos lastimavam as mortes: para morar lado a lado com os ódios resistentes. Um cidade quase vazia e triste.*

# UMA CIDADE DIVIDIDA



— Filha me deixe falar agora. Que celebração macabra há de se fazer para chorar a todos?

Pesquisei sobre o resultado perverso de Pulador e de outras mortes gerais.

Acaso, em Treblinka, alguém celebrou o absurdo humano? Acaso renderão homenagem aos gritos dos feridos, levados em carretas, atravessando valinhos com bruscos movimentos em valetas e pedras? O que dizer dos mortos por piedade? Celebrar o que nos envergonha? O que fazer de todo aquele ódio dividido, compartilhando as mesmas ruas, as praças, os bancos escolares com os matadores de seus pais, irmãos? Sou de opinião de Jorge Salton: *Lembrar os crimes de nossos antepassados é tarefa dura, mas necessária, sem a qual não conheceremos realmente nossos defeitos, e, portanto, não poderemos avaliar nossas reais qualidades. E a batalha - de Pulador ou Passo Fundo, como queiram - deve ser vista com realismo, lembrando que é preciso mais força para viver em paz do que coragem para morrer lutando.*

— Minha mãe, como professora de história me compete pensar acontecimentos, tendo em memória as tristes batalhas. Muitas foram elas, uma mais covarde que a outra. Safou-se Gervásio, por socorro de filhos, levando balaço na bunda. Moveu-se em grande sofrimento até Porto Alegre para curar as carnes traseiras. Em Pulador os chimangos andavam precavidos. José Gabriel da Silva Lima levou a se posicionar em terreno de barros nos valinhos de águas. Assim a infantaria dos republicanos puderam se defender. A batalha do Pulador está mais para carnificina que batalha. Por muitos anos não se falava no mal feito, em respeito aos filhos e para não atrair a ira de vizinhos que tiveram mortos

e feridos. Entendiam: melhor calar a vergonha feita! Curiosamente essas forças adversárias se sublimaram posteriormente em futebol, serviços, cuidados, orações e outros esforços de solidariedade para a promoção de Passo Fundo.

### **Primeiro Explicador**

Anos depois a guerra se transferiu para o campo de futebol. Em 1918 nascia o Gaúcho de branco e verde, cor dos chimangos e em 1921 foi criado o 14 de Julho, com aproximação à revolução francesa e cor dos maragatos. A tentativa de aglutinar os dois times pela criação, em 1986, do Esporte Clube Passo Fundo, apagada a cor verde pelos dirigentes do 14 de julho. Antigas lembranças retornaram, reascendendo o Gaúcho no ano seguinte. Não somente estas rivalidades continuaram, atenuando as velhas lembranças. Os maçons e os espíritas se uniam, não importando a facção política, e a partir de 1914 criam o hospital da cidade. Posteriormente os Vicentinos, 1918, também de diferentes orientações políticas, construíram o Hospital São Vicente de Paula. Assim as rivalidades, embora candentes até 1923, minimizavam-se.

### **Segundo explicador**

O maior conciliador: salve o presidente Prudente de Moraes! Ele em tudo merece admiração. Anistiou a todos.

Gervásio assumiu a responsabilidade de restaurar a paz. De 1891 até 1912 dominou a política como intendente ou como deputado. Foi responsável por arrefecer os ânimos e buscar o desenvolvimento. Não carregava ódios e, por tal conduta, minimizava as diferenças entre os inimigos das duas facções: republicanos e federalistas.

Pois bem, Gervásio Lucas Annes, mais que os interesses do governo gaúcho, buscou soffrenar os ânimos. Vejam só: Gervásio escolhe, como administrador de seus bens, o filho de Prestes Guimarães, o maior inimigo político. Outras gentes chegavam para a região de Passo Fundo. Gervásio, pela fidelidade política, recebera, como dote, as ricas terras de Não-Me-Toque e de Tapera, dando conta da enxamagem de imigrantes alemães e italianos. Um prêmio para tanta fidelidade.

O trabalho, de conciliar e de pôr esperanças, não foi pouco. Os testemunhos dão conta da situação de calamidade a que se reduzira a

cidade. Rancores foram sendo afastados da reduzida população. De 1500 habitantes a cidade reduziu-se a menos de 500 moradores. Passo Fundo repetia a revolução farroupilha quando Passo Fundo reduzira-se a pouco mais de 200 almas.

### **Primeiro Explicador**

Dr Ângelo Dourado, médico que acompanhou as tropas maragatas do caudilho Gomercirido Saraiva, revela apenas que na cidade de pouco mais de mil habitantes ficou reduzida pela metade. A maioria ou se alistou ou ‘foi alistada’ na terrível guerra entre irmãos. Outros emigraram para o Uruguai ou foram para Porto Alegre, que era um porto seguro. Ele narra que aqui esteve em maio de 1894 na Batalha do Pulador, que até fósforos foi difícil encontrar. Mais de quatro mil se matavam, a poucos quilômetros dali, morrendo na última grande batalha da Revolução Federalista. Se, em maio, a cidade esteve neste abandono, imagine-se em fim de junho, quando as forças raivosas atravessaram o lugar.

### **Segundo explicador**

O coronel pica-pau Santos Filho, atribuindo a responsabilidade da miséria da cidade aos revolucionários, escreveu por esses dias:

*“Dolorosa perspectiva apresentava esta cidade quando aqui cheguei, com apontada exceção, as casas comerciais saqueadas, tinham as portas escancaradas por onde se viam no interior os destroços do saque, balcões partidos, prateleiras nuas e estraçalhadas. As casas de famílias fechadas, com uma ou outra janela entreaberta, as ruas desertas e fétidas, aqui e ali cadáveres estrangulados, restos de carniça em putrefação, enfim, tudo exsudava essa amarga tristeza que sucedesse aos grandes crimes. Ao longo dos caminhos o mesmo espetáculo notava-se, igual luto, tamanha desolação! Os malefícios e canibalismos praticados pelos miseráveis atingem à soma incalculável, havendo casas completamente saqueadas em valor superior a 80 contos.”*

### **Coro 1**

Dias de desânimo andaram por aqui, mas os cavalos da vida não suspenderam a marcha. Dois dos importantes combatentes, após, as sangrias desatadas em Pulador se mandaram daqui. Prestes Guimarães

se ladeou pra São Paulo e o Barão Loureiro pro Uruguai. Mais que o ódio de Gervásio persistiu o ódio de seus correligionários. Mas como sempre os súditos carregam mais a raiva do patrão que as suas, pretendiam ver o couro furado do Barão Loureiro de cuja casa saíra o tiro pra matar Chicuta. Pequeno em estatura, mas não em posses. Gervásio líder político da cidade, com investidura de coronel, pois recebera de presente a emancipação em homenagem ao seu aniversário. Da ordem do Barão veio o tiro que derribou nosso avô, ameaçavam alguns parentes. Pela comunicação delas, ele soube que era jurado de morte: mataram o avô Chicuta, não perdoemos o Barão. Casa cercada para pegar o federalista.

### **Segundo explicador**

O Barão encontrou a maneira esperta de fugir: uma velha saiu de casa para fazer caridade do outro lado da rua do Comércio, hoje av. Brasil. A passar pela revista da tropa de Gervásio viram uma panela de sopa para doentes sendo levada para o outro lado da rua, conforme a velhinha dissera. Assim por vários dias, que a doente do outro lado carecia de atenção. No quinto dia, ainda se repetia a mesma velha saindo a servir a vizinha. Ninguém mais a revistou. A velha baixinha passou e não voltou. Salvou-se o Barão.

### **Primeiro Explicador**

Assim se passaram alguns meses. Retornaram os ausentes e novos moradores vinham chegando. A memória dos males se apagando. A cidade, aos poucos, tomando outras preocupações. Acertavam-se os maçons. Os católicos rezavam juntos na mesma igreja. Os espíritas invocavam os mesmos espíritos. Iam distribuindo trabalhos de erguer esperança. O parentesco entre inimigos foi selando a paz, e até esqueceram o Barão e o Prestes Guimarães. Para arrefecer qualquer desejo pela morte do barão, Gervásio promoveu um discurso novo. Dito assim na voz dos descendentes:

- Vamos esquecer a morte dele, falou o Gervásio.
- Morte a ele, o matador de nosso Chicuta, gritavam alguns.
- Nosso sangue foi ofendido, provocava um filho.
- Faremos coisa pior!

— O que será?

— Vamos fazer que sofra nas perdas de terras, o que mais lhe dói que a morte.

### **Segundo Explicador**

Veio o trem traçando-se a passagem por suas terras, com larga margem de terra. Retiraram os mortos da frente da Igreja, o antigo cemitério, hoje praça Marechal Floriano, homenagem dos republicanos. Do Barão foi tomada a terra, em larga extensão, para o novo cemitério e para a passagem do trem. Mulheres, que o desejo não tem partido, também promoviam casamentos em famílias de rancores esquecidos.

O intendente Gervásio, preocupado com o trem traçando nova ordem geográfica da cidade. Em dez anos um hospital... novos moradores e novos clubes de paz. O cemitério a ser trocado e os mortos desenterrados. As escolas pondo-se em ordem e novos alunos sem as restrições de bandeiras. Novos amores, que os capuletos e montechios eram vencidos por desejos e ideias. Criação de Clubes, o italiano Caixeiral, 1901 e o alemão, 1913, futuro Juvenil, facilitaram a criação de novo ânimo na cidade.

Então penso sobre as gentes daqui, ouvintes de tantas mortes. Uma cidade faleceu apenas por tempos. Oscilavam embates de menor intensidade até 1923, esgotados, finalmente, pelo pacto das Pedras Altas. Salve Assis Brasil.



# UM DIÁLOGO MAIOR



A morte impressiona pouco a quem lida com ela, mas quando bateu em minha casa é que vimos seu rosto cruel. Perdi meu pai. Fui até Santo Cristo pra celebrar a vida passada, embora ainda presente.

Assim foi:

Mandou um recado breve.

— Venha me ver filha, pra ver meu último retrato.

— Que é isso, papai?

— Deixe-me ir. Estou cansado, mas feliz. Nada fiz para temer o que virá.

— Faça-se tua vontade, papai. To indo, pai!

Pouco tinha a dizer e poucos a me ouvir. Apenas suplementozinhos de existência. Passei dois dias narrando para ele as atrocidades feitas no Rio Grande e em Passo Fundo. A morte tem disso, é pacífica e solidária: concede lugar aos outros. Ele já esticava as palavras do jeito que dava.

— O peixe que machucou o meu peito... É isso, filha. A marca dos dentes ficou funda. Nada merece a morte de uma pessoa. Mataram vinte mil. Devore Deus a quem fez isso.

Ele chorou por identificar-se, ao falar do jeito que Passo Fundo ficou depois da passagem das tropas.

— Isso não se faz. Não existe uma só razão para matar uma cidade, murmurou.

Me consolava com minha mãe. Ela não apreciava as conversas das matanças. Uma tarde se expressou:

— Não é lembrando o mal que se faz o bem.

— Mas é preciso confessar nossos pecados.

— Pode confessar, mas quando o diabo resolve tomar conta dos poderosos sai da frente! Não tá vendo o Brasil?

— É verdade, mamãe. Quanto mais poderoso é aquele que se acha melhor, maior será o mal. A morte rondou desde cedo a casa de Júlio de Castilhos.

— Prefiro não me ocupar com gente assim. Estou muito velha para pensar nisso. Lembra o Reichmann, nosso vizinho? Se achava. E deu no que deu. Os filhos e os vizinhos detestavam o seu orgulho. Acabou na forca. Costumava dizer: ninguém planta pés iguais e tão cheio de frutas. É isso, filha, a morte ronda a casa de quem se acha o maior. Prefiro as piadas a ouvir tanto mal. Admiro você minha filha, que sabe olhar o mal e remediar. Espero que você receite um remédio para o Rio Grande. Ele anda de mal a pior.

Depois do pito materno, conversávamos amenidades enquanto papai morria. Não tem jeito, depois de um grande cansaço o melhor remédio é dormir. Assim se foi seu Fabiano.

Mirele e Leonardo velaram conosco o avô. Pedi para minha filha não falar nem de republicanos e de federalistas. Tínhamos o suficiente da morte.

Ao retornarmos a Passo Fundo, percebi o ar de satisfação nos olhos de mamãe. Queria ficar com as amigas. As nossas conversas diziam pouco, contrariamente de quando chegavam as mulheres da comunidade. Acho até que mulher tem disso, tendo o que dizer tudo vai bem. O nosso mundo não era o dela. Até meu pai não lhe dizia mais muito, pareceu-me. Teria conversado tudo que poderia ter dito. O nosso mundo tem passagens, e cada ciclo suas razões. No retorno, Mirele falou o tempo todo sobre o Rio Grande do Sul. Leonardo se irritou, ao final da viagem, perguntando se não tínhamos outro assunto pra falar.

A viagem me cansou. Em tudo me via envelhecendo. E um sonho mostrou-me, em símbolos, a violência a me perpassar. Me via em sítios celestes, expressão do padre Ataulfo. Numa manhã muito fria, geadas cobrindo a grama junto ao lago. Vi uma dama de olhos tristes sobre galhos secos de uma pitangueira.

— O que faz aí, senhora? Teus pés estão feridos.

— Sei. Não há como não machucá-los nesta terra.

— Como?.

— Aqui a morte anda à cavalo.

— Fala de que, Senhora?

— De lanceiros negros, de rudes empregados de 35 e de 93.

— Isso é o passado.

— Não, as sementes estão lançadas.

— Olhe à tua direita, filha. Aí no lago.

— Vejo um peixe devorando um mapa.

— Ele devora a tua terra.

— É Deus engolindo o Rio Grande.

— Até duvido que esta terra seja cristã, filha.

— Assim parece. Mas apenas é uma história, mulher.

A angústia me devorava. A senhora chorava sobre a pitangueira.

Ainda bem que Amaro me acordou.

Narrei o sucedido. Uma crosta de gelo cobria o lago. Ainda vejo o dourado se espelhando nas águas trincadas.

— E a senhora não te acudiu?

— Ela sofria mais que eu.

Pela manhã deste dia, veio minha filha para concluirmos a tarefa gaúcha.

Ela não quis saber do sufoco de minha alma.

— Mãe, vamos terminar esse trabalho.

— Então, filha, Vamos até o fim.



# O CONCILIADOR PRUDENTE DE MORAES



## **Explicador II**

*O indulto de Prudente de Moraes mandou os revoltados federalistas a que voltassem para casa, recebendo o determinante perdão. O presidente, oferecendo anistia, fez diminuir a raiva de quem perdia a revolução, salvando-se a dignidade dos lutadores. Mostrou, além disso, aos pica-paus que era hora de parar a beligerância.*

*Raivas intestinas não se abafam com anistias. Podem até recrudescer e muito disso aconteceu. Até 1923 houve nítida supremacia das forças de Borges de Medeiros, continuador de Júlio, principalmente no Norte do Estado. Todavia diversas escaramuças se fizeram valer para ameaçar a tradição política impressa por Castilhos.*

## **Explicador I**

*A quinta governança de Borges foi alcançada por muitas fraudes, o que ensejou uma nova revolução em 1923. Houve mortes nos nove meses de insurreição. Os borgistas perdiam vigor. Crescia a autoridade de Assis Brasil, o que levou a uma coligação forte, obrigando a que a Constituição do Estado fosse modificada. Assim se fez: Borges não mais concorreu e armou-se um novo tempo com a liderança de Getúlio Vargas.*

*Dos escombros do borgismo nascia uma nova composição, costurada por Getúlio Vargas e seus aliados...as raposas perdem os pelos mas não os costumes.*



# MIRELE E EU COM JÚLIO PRATES DE CASTILHOS



Mirele vinha insistindo em ver o museu Júlio de Castilhos, em Porto Alegre. Olhamos o site. O museu possuía a finalidade de ser o lugar da memória física do Rio Grande. Ela, como eu, via nestes espaços bem mais que frias lembranças. Fomos e vimos.

Cada peça fala de longas histórias. A alma dos personagens ou dos objetos ainda permanece viva. Chorei uma vez nos museus de Roma. Uma procissão de imagens se mostrava dizendo lembra-te mulher da precariedade humana. Chorei no museu Britânico ao ver a máscara de uma etrusca. Lembrava a cara de uma vizinha de origem italiana, a Valentina. O código genético da mulher etrusca mostrava os traços da antiga gente do norte da Itália. Assim olhava saudando os conhecidos responsáveis pelas lembranças físicas. Uma alma antiga se debruçava em cada material.

Se o Museu deve representar o Rio Grande, pobre gente! Fomos entrando com respeito pela antiga casa. A cadeira solene do déspota aí estava, oferecendo o dorso a seu dono. Dela se projetava uma força pesada. Se me impunha um medo avassalador. Assentado nela que ele produziu a constituição? Foi dela que desprezou Passo Fundo ao falar com Gervásio Luccas Annes? E justo nela, folheada em bronze, uma homenagem: a constituição gaúcha, produto de Júlio.

O espaço íntimo da casa estava a exigir reparos. Uma tempestade impedia a apresentação de objetos mais íntimos de Júlio e da mulher, a sofrida Honorina. Numa sala, anjos dividiam o espaço, silenciosos. A feição de Senhor dos Passos carregava a dor humana de vinte mil almas sofredoras. Uma das figuras celestes, estropiada, fora erguida, adejando o ambiente.

Espiamos todos os ambientes quietos, aguardando que de um deles poderia conversar com a mulher de Júlio. Espiei o porão: pobre Honorina, pobre Honorina! Desejava muito vê-la. Ela havia sido convidada a que lesse sobre o positivismo e a que aperfeiçoasse a voz. Júlio desejava ver nela uma cantora. Em qual dos ambientes os dois conversavam tanto? Sabia ela de todas as mortes? Acabou com a vida, com gases, dois anos depois que se fora Júlio, 1905. Os seis filhos não conseguiram suprir a dor da mãe.

Fomos, por fim, ao pátio da casa. Por ironia, ou não, de quem compusera o ambiente do museu, lá se mostravam canhões de toda ordem.

Após uma cirurgia, 1903, morreu Júlio... por azar, com uma profunda incisão junto à carótida, ironia do destino. Uma temerária tentativa de salvá-lo de um câncer nas cordas vocais.

Ia eu em passos lerdos, contemplando cada canto, quando Mirele se aproximou ainda mais de mim: Mamãe, a senhora está desfigurada. Se é pra te ver desse jeito, vamos embora.

Fomos,

Um silêncio triste me possuía.

Voltamos no dia seguinte a Passo Fundo. De tudo o que mais desejava era estar junto do meu Amaro. Se a palavra lembrada traduzia amargura, em mim, agora, havia doçura.

Mirele veio, outro dia, me convidando a concluir nossos pecados.

— Vamos, mas não me sai da cabeça o quanto a ideologia positivista produziu crença tão desmedida. Certezas ferozes.

# UM PECADO FEDERAL



Confesso o pecado e deles peço meu tardio perdão. Me comovem aqueles tempos dos farrapos.

Examino, em síntese, a origem dos pecados federais no Rio Grande, enquanto dos fraternos ainda me encontro sobrecarregada.

Outros poderão esclarecer melhor da origem das violências. Por certo, nem Nabucodonosor cobrou impostos tão pesados aos judeus, se comparados àqueles do poder central ao Rio Grande do Sul.

É assim: Por vezes a sociedade se vê pressionada a tais violências que arrisco a dizer: Os grandes pecados não conseguem ser imitados por qualquer ser humano por mais criminosa que tenha a alma. Os pecados de 1835, por mais bestas os humanos, dificilmente serão assumidos novamente, contudo há sempre furos por onde passam diabos. Somo o meu pecado a outras mortes, tão covardes quanto as daqui... quando dizia essas coisas, veio alguém, viajante da China, narrando: em guerras antigas ocorreu de chineses enterrarem, numa só ceifada, quatrocentos mil chineses, enterrados vivos. Aqui, menos extensa, não menos intensa, pulsava no peito inimigo a banalidade da degola.

A pobre gente alemã, cheia de promessas, fugida de guerras, roubada igual a bois e ovelhas, aqui requisitada para a revolta farroupilha. De outra parte, as forças imperiais exigiam obediência às suas forças por razões óbvias: quem os trouxe do abandono para terras tão boas? Pior para meninos. Queriam viver sem matar na Alemanha e, agora, se viam em situação precária. E o que dizer de grupos de aventureiros que corriam a região roubando e matando? Nada, entretanto, a se comparar à chacina traiçoeira dos lanceiros negros.



# A NOITE DE PORONGOS



*Pobres negros, a morte traiçoeira, em vez de libertação.*

Justifico a revolta gaúcha de 35, não a forma covarde dos meios usados. Pobre gente dos trabalhos rudes morreu em proteção dos patrões. Não vou apontar a história toda que é obra para historiador. Focarei sobre o pecado de promessa não cumprida: Liberdade aos negros. E o mais terrível aconteceu. Em Porongos morrem os traídos lanceiros negros.

## **Explicador I**

*Referindo-se a esse episódio, Alfredo Varela, o autor da obra “A Revolução Farroupilha – história documental para a juventude” afirma que o ataque “deixou em campo 100 mortos, 14 feridos graves e mais de 300 prisioneiros. Os Imperiais tomaram os armamentos, mais de 1.000 cavalos e o arquivo de Canabarro. Acusam o herói de ter traído os rebeldes; que sua displicência foi proposital, para que com esta arrasadora derrota os Farroupilhas aceitassem definitivamente a paz” (AHRGS-2, 1985, p. 109). Moacyr Flores, em seu livro “Modelo político dos farrapos”, endossa essa acusação: “a infantaria republicana, formada por negros, foi dizimada porque na véspera David Canabarro ordenara que lhes tirassem o cartuchame.”*

## **Explicador II**

*A questão posta é discutida. Acreditam alguns ser uma armação contra Canabarro. A controvérsia, porém, existe ao se avaliar Cláudio Moreira Bento: “Após a surpresa de Porongos, perto da Quinta do Bibiano estando Chico Pedro acampado no Pequeri, disse ao seu*

*major de Brigada João Machado de Moraes - És capaz de imitar a firma de Caxias! Respondeu-lhe: A letra é boa e talvez eu possa imitar! Pois vamos fazer uma intriga contra Canabarro. Esta intriga foi devido a dizerem ser Canabarro um traidor. E assim este distinto general republicano passou a traidor, o que é uma grande ofensa ao seu ilibado caráter e imorredoura memória”.*

*Mário Maestri deu crédito ao ofício conferido a Caxias “poupe sangue brasileiro quanto puder, particularmente da gente branca da província ou índios”. Assim ficava claro que deveria matar os negros da Infantaria. E Mário Maestri prossegue: “E os corpos dos 100 guerreiros, negros farrapos, não deixavam dúvida da identidade que unia chefes imperiais e farroupilhas no medo e no ódio aos seus trabalhadores negros.”*

## **Explicador I**

*Conforme Nilson Mariano<sup>3</sup>, alguns fatos põem em dúvida o caráter de Canabarro: “Valentes, decididos e espertos, todos os chefes farrapos eram. Uns mais em alguma virtude, outros menos em outro atributo. No entanto, nenhum deles teria sido mais matreiro, mais polêmico e mais indecifrável do que o militar nascido em Taquari sob o batismo de David José Martins. O próprio fato de trocar o sobrenome, assumindo o Canabarro a partir de dezembro de 1836, sinaliza uma personalidade diferente.*

*Se pendurou medalhas no peito por méritos, também colecionou acusações contra si. Em 1839, durante a ocupação de Laguna, teria ordenado castigar o povoado de Imaruí liberando o saque, o que resultou em abusos contra civis. Em 1844, teria orquestrado o massacre dos lanceiros negros farroupilhas, na batalha do Cerro dos Porongos. Ninguém duvidaria da bravura de Canabarro. Nem todos aprovavam sua conduta sem ressalvas.”*

## **Explicador II**

Muitos autores se inclinam para a afirmação de haver morte covarde aos lanceiros em razão do receio dos negros em busca da liberdade no Rio Grande do Sul, pois já havia quilombos. Negros com preparação militar poderiam constituir um perigo às ordens legais e aos entendimentos políticos.

<sup>3</sup> <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2012/09/a-fortaleza-de-canabarro-no-pampa-3886803.html>

O que sobrou? O sabido é: Bento e David levaram, como escravos, bons lanceiros negros. Bento levou 47 e David levou o suficiente para proteção. Temia ser morto por causa dos Porongos. Os debandados voltaram aos currais, emprestando o lombo à carga do charque. Posta, por fim, a guerra sulista, diversos escravos, e é bom de se crer que, escolhidos os melhores, foram levados para o Rio de Janeiro para servirem aos seus senhores, os vencedores da guerra.

### **Explicador I**

Caxias e Canabarro entregaram à morte os lanceiros, é a crença mais propalada. Assim farroupilhas e imperiais evitariam maiores complicações: possível rebelião dos lanceiros após a derrota farroupilha, facilidades para pôr o fim da guerra, salvando-se da morte imperiais em Porongos. Acima de tudo não havia ambiente para a liberdade negra. Havia de se esperar mais 45 anos para oficialmente se conceder uma liberdade a meio pau.

A solução, conforme Tau Golin, *“foi o acerto entre as partes para o extermínio em Porongos e a entrega dos lanceiros negros para Caxias. Os sobreviventes e aqueles que estavam em outras unidades foram incorporados ao patrimônio do Estado brasileiro e mantidos escravizados em galés no Rio de Janeiro, geralmente empregados em obras públicas, como no seu porto”*.<sup>4</sup>

### **Coro I**

As forças, sem comunicação, induzem às mais aviltantes ideologias. Aí prevalecem as violências concebidas no pecado, originando perplexidades posteriores.

Poupe-nos a vida da maldade extrema  
Tão expressa na noite dos Porongos:  
O pecado aos negros, mortos por quimeras  
Num tempo sem medidas de ótima razão.  
O pecado habita o coração humano,  
O alerta é necessário, pois as sepulturas  
Mostram o fim ao pequeno e à onipotente criatura.

---

<sup>4</sup>Texto transcrito de parte da palestra proferida no evento Revolução Farroupilha e Revoltas Armadas no Rio Grande do Sul, no *III Encontro de História do Memorial*. 2015.



# PARA FINALIZAR



Fala Dilan: Aquele que não está ocupado em nascer está ocupado em morrer. Aqui os gaúchos andaram ocupados em matar. Não posso desprezar o Gaspar e o Júlio, eram honestos. Mas, não se pode ser honesto quando fazemos de tudo para matar, montados em ideias sem consenso. Júlio mantinha a ordem a qualquer preço, mas nenhuma palavra para a paz. Ele a obtinha silenciando gargantas. Não havia perdão, eles sabiam o que faziam. Mais de cinquenta momentos de mortes coletivas. Nos grandes – com exceção de dois ou três momentos, quando a loucura foi geral – matavam com certa dignidade. Nos pequenos lugares não havia nem primava-se pela vergonha. Prisioneiros bons, prisioneiros mortos. Não havia chefe maior pra dizer basta. Na brutalidade ninguém ordenava. Júlio disse: poupem as mulheres e as crianças. Autorizava a matança masculina. Todavia a morte covarde não escolheu preferências. A rigidez de convicções positivistas, cuja principal virtude era administrar na ciência, passou a se constituir como a nova fé. E pela fé absoluta seriam validados os atos do governo. Matava-se sem inquisição. O maniqueísmo exacerbado tomou conta do Rio Grande do Sul, o que mais tarde, no Estado Novo, Getúlio repetiu.

— Mãe, entendo que cabe também uma advertência.

A visão poética de um cordeiro nos salvando,

Imaginária: Não sei se é de rir ou de chorar.

Cristo nos deu a verdade conversada,

Este é o legado que tira o pecado do mundo.

A medida da ordem e do progresso é coisa perdida

Sem a agência divina da colheita dividida.  
Importa a decisão humana mediada pela ciência,  
Pela solidariedade, e demais virtudes,  
Da indústria, da medida feita em leis.  
E da maior transcendência: em tudo, o sagrado.

# A LENDA DO GRANDE PEIXE



Ao deitar me percebi inquieta, velha e solitária. Amaro cuidando da colheita de trigo, tempo difícil, colheita parca. A primavera se ia alta. Amaro inventou de me agradar. Aproveitando as fontes da coxilha, resolveu criar peixes. Um hectare de soja em favor da piscicultura.

— O grande peixe da tua infância, ainda me provoca, instou. Vou também criar meus dourados! Talvez possa competir com o peixe do teu pai.

— Não brinque com ele nem com o peixe. Ele é o Cristo de minha vida. Devora o mal pela palavra. É o meu Salvador, enquanto homem sagrado de palavras devoradoras. Elas mataram o nazareno, o peregrino de alma gentil e de passos ligeiros.

— Tudo isso?

— Sabe, meu bem. Diversas vezes ele devorou os pecados que se impuseram. Devorou o pecado de Luciano, os teus, os meus, de Shauana, de tia Noélia, de nossa pátria. Devorou os males tão sofridos de Débora, a velha enfermeira. Ela pediu auxílio em seu câncer devorador. Rezei pelo melhor. Aplicaram-lhe medicamento paliativo. A querida dos tantos bens, feitos a pobres loucos, não sofreu mais. Quantas almas destemperadas tiveram o auxílio daquelas mãos? Teria a existência infinita para contar. E o Félix da Shauana no que deu? Pobrezinho, perder a memória é morrer antes. Se foi sem saber que ia.

— Mulher, que olhar estranho você tem,.

— Nem tanto. A vida de Deus é que conta. A morte é um detalhe pequeno. E somos solidários ao sermos devorados. Deixemos espaço aos outros. Somos em Deus também em nossas falhas e em nossa morte.

— Deixe assim que está bom. Amanhã vou olhar a resteva do trigo. A palha protege a terra.

— Assim como nós a protegemos, mas, por vezes, a devoramos com tudo que ela tem. Essa é nossa história.

Depois fomos dormir. Amamo-nos ternamente, assim como velhos sabem amar.

O principal não me veio enquanto em vigília.

Pela madrugada, Amaro me acordou, desesperado.

— O que está acontecendo contigo, bem?

— Sonhei com um grande peixe.

— Conta, então...

— Foi desse jeito. Um ogro de uma tribo antiga narrava uma lenda. Sabe, pronunciava-se com palavras altas. Não leve a mal, mulher, sou um tanto surdo. Poucos anos atrás ouvi uma história muito estranha. Um velho bem mais velho que eu narrava de uma lenda de um peixe, senhor dos mares, louco de fome por gente.

— Agora deram os peixes de terem suas preferências?, falou Amaro.

— O ogro completou: Devoram a todos, sem distinção de raça e religião, mas os cristãos são os preferidos. Por estas águas habita o maior.

— Que perigo para ti, brincou Amaro.

— O ogro nem bem terminara a frase, quando o grande peixe saltou. Parecia se exhibir. Gritei pra saber qual seria o desejo dele. Me atraiu para as águas. Num golpe me devorou.

— Vamos dormir, querida.





Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

Catálogo do Projeto Passo Fundo  
[www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)



**Agostinho Both** - Autor de diversos livros. Artigos em inúmeras revistas e em capítulos de livros, todos de natureza acadêmica. Após a aposentadoria, escreveu romances sobre temas relevantes de nossa cultura. Possui estilo literário livre de preceitos acadêmicos. A bagagem, como professor e administrador universitário, faz com que penetre com estilo leve e crítico nas questões do cotidiano da nossa cultura. Acima de tudo, busca forma pessoal, advogando a estética em primeiro lugar.

Memórias de Eliana representam a travessia do tempo de uma mulher preocupada em ver de perto os limites humanos por onde passou. Por outro lado, entende haver, na confissão deste olhar, possibilidades de contribuir para minimizar a miséria humana contida nas casas e nas instituições. O sofrimento humano não compreende para Eliana um drama insolvente. Ela realiza uma catarse e uma crítica enquanto perdoa e avalia caminhos de reparação. Um peixe real e simbólico está presente por onde quer que vá. A fé na vida e na morte são para ela motivos de transformação. A virtude e o vício, contidos no texto, servem para compor a unidade humana em busca de equilíbrio. Por onde se olhar os tempos da protagonista haverá uma mensagem. A poesia dos diálogos e das paisagens dá conta da esperança e da solidariedade. A resistência ao mal é o princípio das lutas de Eliana. Ódio e amor andam juntos, convidando o leitor a rever conceitos face às histórias diferentes com as quais Eliana busca compor soluções pela crítica e pela ação. Enfim, a saga de uma mulher em busca de salvação.



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura



Portal  
**Domínio Público**  
Biblioteca digital desenvolvida em software livre

